

A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTOR-PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:

Lima Figueirêdo

GERENTE:

A. da Silva Chaves

ANNO XXIII

Brasil — Rio de Janeiro, Agosto de 1936

N.º 267

S U M M A R I O

LITERATURA, HISTORIA, GEOGRAPHIA, SCIENCIA

O duque de Caxias	101
Caxias, patrono do Exercito — Cap. Lima Figueirêdo	108

SECCAO DE INFANTARIA

O serviço de informações na Infantaria — Major Octavio Paranhos	113
A propósito da motorização — Cap. Durval Magalhães Coelho	125

SECCÃO DE CAVALLARIA

Os meios de transmissões da Cavallaria e suas relações com o comando — Cap Adolardo Fialho	131
--	-----

SECCÃO DE ARTILHARIA

O futuro regulamento de tiro da Artilharia	141
--	-----

SECCÃO DE ENGENHARIA

Arma de Engenharia — Cel. Luiz Gonzaga Borges Fortes	149
--	-----

SECCÃO DE TRANSMISSÕES

As Transmissões — Cap. Peixoto	151
--------------------------------------	-----

SECCÃO DE ESTUDOS SOCIAES

Nacionalismo e Communismo — escriptor Carlos Maul	158
---	-----

SECÇÃO TECHNICA INDUSTRIAL

O alcance maximo da rasancia total nas trajectorias, etc.	183
O problema siderurgico nacional — Cap. Herchell Proença Borralho	173

NOTICIARIO E VARIEDADES

O principe de Nassau — Cap. Lima Figueirêdo	188
O anniversario do 10. ^o Batalhão de Caçadores	191
Centros de brasiliade	194
Um conto do Cap. Moacyr Marroig	195
O petroleo no Brasil — Cap. João Macêdo Linhares	197



Marechal Luiz Alves de Lima e Silva
DUQUE DE CAXIAS

LITERATURA · HISTÓRIA GEOGRAPHIA · SCIENCIA

O DUQUE DE CAXIAS

Crescem, de dia para dia, o entusiasmo e a veneração dos homens de hoje pelos grandes patriotas de hontem, e especialmente por aquelle, — o Duque de Caxias, — que a todos excedeua pela extensão, magnitude e efficiencia de sua acção edificadora da grandeza da Patria. Os livros, as conferencias, a erecção de monumentos e as solemnidades patrioticas têm tomado vulto, nos ultimos tempos, para definir a tendencia benefica de reviver a tradição, como reconhecimento evidente de que cada povo se caracteriza vivendo a vida das suas tradições, cultivando-as e defendendo-as como cultiva e reforça as suas energias, o seu merito e a sua capacidade de realização, como zela e defende a propria existencia politica e soberana.

Como expressão primacial da existencia e da vontade nacionaes, o Exercito, mais do que qualquer outro organismo, precisa buscar nas tradições do passado, não só a confiança em suas proprias possibilidades, ou o orgulho de sua elevada função, como principalmente, a orientação e os ensinamentos provindos da experienca e indispensaveis ao seu viver presente e futuro, na senda do progresso e de aperfeiçoamento ininterrupto.

Justamente a analyse das nossas tradições, no ambiente americano, inspira, mesmo aos mais scepticos, o amor, a admiração, o respeito e o reconhecimento irrestricotos pelos antepassados cujos gestos e obras constituem ufania porque nos enobreceu edignificam, mesmo que consideremos a crescente evolução

dos conhecimentos e do apparelhamento da epoca actual.

*

Luiz Alves de Lima, o Duque de Caxias, Marechal do Exercito brasileiro, nascido em 25 de Agosto de 1803 e fallecido em 7 de Maio de 1880, constitue um dos mais legitimos padroes de gloria da nacionalidade. Foi, durante meio seculo da nossa historia, o mais efficiente e abenegado servidor da Patria, atravez de um labor immenso, desenvolvido numa carreira de brilho sem par, quer empunhando a espada de luctador, quer quando envergava a toga do cidadão prestante.

E', no dizer de Vilhena de Moraes, "o Bayardo, o cavallero sem medo e sem macula, que Deus suscita para ser, durante meio seculo, o vexillario imperitato do palladio santo que acaba de abençoar; o prototypo do militar brasileiro, do guerreiro christão, forte e magnanimo, paciente e abenegado, corajoso, como um leão, no calor da batalha, manso na paz, como um cordeiro; o sustentaculo inhabalavel de dois imperios — caso unico na historia — desde o alvorecer da existencia até a idade provecta, presente a todas as luctas internas e eternas e nunca, jamais, em tempo algum, vencido em qualquer dellas; o grande heróe tranquillo, no dizer de Euclydes, sempre prevenido e nunca fatigado, physica e moralmente capaz de combater e de administrar ao mesmo tempo, cortando com uma das mãos e sanando elle proprio com a outra as feridas abertas; prompto a extender a mão leal aos adversarios da vespera, para fazer delles amigos; captando a sympathia dos povos que dominava, a ponto de se orgulharem de elegel-o seu representante no parlamento"; "o maior guerreiro de todo

um hemispherio", na expressão de Dyonisio Cerqueira; "o colosso, cujos braços possantes abarcaram unidas as mais vastas provincias, impedindo a fragmentação nacional; o soldado em uma palavra, o parlamentar, o político, o administrador — "cuja vida", no dizer de Olegario — "foi o tambem a vida do Brasil".

*

Para nós militares, Caxias foi, sobretudo, um Soldado e um Chefe, — militar até a medula, organizador, administrador, estrategista e conductor de homens.

Como Soldado, elle encarna o espirito de classe, o sentimento de disciplina, o amor á ordem, a intrepidez e a bravura sem par. Desta, condizendo com o espirito de sacrificio e de abenegação, contam-se por centenas os gestos masculinos:

Ei-lo, joven ainda, no veredor dos annos, guerreiro da independencia, na Bahia, tomando uma casa-forte, á testa de uma companhia de escol; — na campanha da Cisplatina, qual paladino medieval, vemol-o galopando, com uns tantos escolhidos, pela noite a dentro, atravez das linhas dos sitiantes de Montevideo, para apresar um lanchão e os seus cincuenta tripulantes; — no vigor da edade, mostra-se elle em Icatu, no Maranhão, intimando sosinho a uma horda de barbaros para que entreguem as armas; — conde e general em chefe, vai arrostar os fogos dos navios de Rosas para, a bordo de um navio de guerra, com o pavilhão desfraldado, sondar e examinar attentamente o porto de Buenos Aires; — no Paraguay, então, essa intrepidez é quotidiana, mas destaca-se na passagem do Itororó, no quadro sublime debuxado magistralmente pela penna de Dyonisio Cerqueira: "Passou pela nossa frente animado, erecto no cavallo, o bonet de capa branca co mampuruca, de pala levan-

tada e preso ao queixo pelo jugular, a espada curva desembainhada, empunhada com vigor e presa pelo fia-dor de ouro, o velho general em chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte annos. Estava realmente bello. Perfilámos-nos como se uma scintelha electrica tivesse passado por todos nós. Apertavamos o punho das espadas, ouvia-se um murmúrio de bravos ao grande marechal. O batalhão mexia-se agitado e attrahido pela nobre figura que abaixou a espada em ligeira saudação a seus soldados. O commandante deu á voz firme! Dahi a pouco o maior dos nossos generaes arrojava-se impavido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação de sua gloria. Houve quem visse moribundos, quando elle passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para cahirem mortos adeante"; ou na terribilissima batalha de Lomos Vallentinas, em que se mantem durante trinta e seis horas na linha de fogo, sob medonha tempestade, como um centauro, empinando o busto e levantando a cabeça "para que toda a tropa me visse e me reconhecesse no ponto d'orisco e do perigo".

Bravo, dos mais bravos, será sempre o guia, o padrão das qualidades masculas do soldado brasileiro e bastará a sua memoria para nos alentar no caminho do dever, do sacrificio e da gloria.

*

Mas Caxias foi, precipuamente, um *chefe*, á altura de sua epoca e projectando a sua acção constructora até hoje, como paradigma sem par, mesmo em face do progresso immenso da arte da guerra. Os seus methodos de organização, os processos que o grande americano seguia na direcção do Exercito são dignos de reflexão para nos servir de guia no presente, pois,

se é verdade que as condições materiaes e a organização politica, de que a organização militar é um reflexo, mudaram, é certo tambem que os mesmos vicios administrativos, as mesmas difficuldades criadas ao serviço pela pobreza de communicações atravez da imensidate do paiz, a ausencia de organização militar capaz de permittir com a regularidade e a presteza necessarias, a mobilização do Exercito, enfim a indole do povo e os defeitos que lhe são innatos, perduram e ainda actuam perturbadoramente e com a mesma intensidade.

Quando se lê Joaquim Nabuco, no "Um Estadista do Imperio", a situação militar do Brasil ao iniciar-se a Guerra do Paraguay, tem-se nitida impressão de que elle retrata a epoca presente, tal a identidade de ambiente, de causas e effeitos entre o actual estado de cousas e o que elle nos reproduz nos seus termos candentes. A nossa imprevisão de todo o procedimento de Lopez; o preconceito politico, verdadeiro dogma nacional de que a amizade, a alliança do Paraguay era o principal interesse do Brasil no Prata; a candidez com que todos, desde o Imperador, a todos os partidos, governos, homens publicos, diplomatas e militares da epoca, acreditavam na paz e na palavra de Lopez e repudiava a guerra; a insensatez de fornecer ao inimigo meios para nos combater; a confiança exagerada nos sentimentos dos outros povos não terão os seus fac-similes nos dias de hoje?

A desorganização militar da epoca não está muito longe das imperfeições de hoje. A deturpação do espirito militar no sentido critico, individualista, do commodismo ainda tem os seus resticos. Ainda é de temer que "esse espirito militar, o espirito de guerra, a ambição de gloria nos campos de batalha, o espirito

de sujeição, de renuncia, que faz a disciplina, o espirito de mando, de superioridade hierarchica, a emulação no luzimento da tropa, na solidez da fileira" veiuha a se apagar. "tomando o tom geral de indifferença, de pressa, de alinhavo de ultima hora, caracteristico de todo o serviço publico".

Por isso nunca será demais a meditação sobre a vida do grande Chefe. Ahi encontramos valiosos ensinos sobre todos os problemas militares. Dentre elles avulta o daorganização do commando. Este foi no dizer de Sousa Reis "o erro fundamental da penosa campanha de cinco annos". A incomprehensão dos governantes, despreoccupados da preparação militar, tinha como questão de detalhe a escolha do general em chefe.

Quando rompeu a guerra com o Paraguay, Caxias era de certo o unico general capaz de arcar com as difficuldades da campanha; "numerosos eram os officiaes de toda graduação aptos a commandar tropas e as levar valentemente ao combate; mas o Brasil só possuia um estrategista, e este era o marquez", no dizer de Pandiá Calogeras. Entretanto, nada impediu que o governo imperial, por erro politico ou por incapacidade da diplomacia, entregasse um Exercito de 39.000 homens, com os mais illustres generaes, ao chefe de um pequeno contingente de 3.000 homens, pondo á margem o chefe nato dos seus Exercitos.

A sancção desse erro foi penosa e irreparavel, mas a lição não calou no espirito dos governantes. Foi assim que, quando se impôz a nomeação de Caxias em 1866, ainda houve vascillação por ser o general inimigo politico do gabinete e pessoal do Ministro da Guerra, — como ainda persistiram, ante o inimigo, as luc-

tas intestinas dos partidos, enfraquecendo o general em Chefe com as criticas ferinas e sem treguas.

"Tem sido a triste sina do Exercito no Brasil, nunca ter logrado ser comprehendido pelas classes civis e especialmente pelos partidos politicos. Tranquilos em suas casas, confortavelmente sentados em suas cadeiras nas administrações ou no Parlamento, discutem, approvam ou accusam soldados, cuja tarefa, sofrimentos e possibilidades são incapazes de medir ou mesmo de comprehendender por completo" (Pandiá Collogeras).

Em compensação o Grande Soldado dá provas do seu desprendimento e do seu patriotismo, pondo de lado os credos politicos pra só ver o Brasil e lançar-se a tremenda tarefa de tudo organizar para crear o instrumento tactico capaz dedesenvolver e garantir o exito de seus planos e para conduzir o Exercito, por golpes de accentuado senso estrategico, ás victorias fulminantes de 68.

Basta essa sua actuação de levantar o moral de uma tropa abatida pela inação que a consumia; organizar, instruir e disciplinar um exercito, dominado pelo desanimo e descrente do valor dos proprios chefes; e conduzil-o á victoria de forma brilhante, para consagrал-o como Grande Chefe — o grande Mestre da Guerra — com toda a nossa veneração.

Cabe-nos, a nós da presente geração, exhumar essas lições do grande Mestre e fazel-as frutificarem em pról do fortalecimento do nosso Exercito — o grande paladino da nacionalidade.

CAXIAS, PATRONO DO EXERCITO**CAPITÃO LIMA FIGUEIRÉDO**

25 de Agosto de 1803. O lar do tenente Francisco de Lima e Silva e da Sra. Marianna Cândida de Oliveira Bello estava em festa com o nascimento de um menino que na pia baptismal receberia o nome de um santo sabio, o protector dos estudantes: Luiz.

Marte tomou a creança que acabara de nascer na pequenina villa da Estrella do Rio de Janeiro sob a sua protecção e conduziu-a pela estrada dura da vida. Descendente de militares, Luiz Alves de Lima e Silva possuia vocação profunda pela carreira das armas e por isso abraçou-a com a fé mais ardente e o entusiasmo mais sadio. Ao completar quatorze annos de edade — 25 de agosto de 1817 — Luiz jurava bandeira, offertando á Patria os seus serviços e compropetendo-se a defender sua "honra, integridade e instituições com o sacrificio da propria vida".

O ménino cumpriu religiosamente o compromisso que prestara, tornando-se um escravo absoluto da disciplina consciente e um paladino ardoroso da autoridade constituida. O leme da sua vida era o dever, e, no mar proceloso das agitações que sacudiram nossa terra, pôde, sempre, sair vitorioso com galhardia e honra.

Como 1.^o tenente, marchou Lima e Silva na frente da sua unidade para consolidar a independencia do Brasil, lutando contra as cohortes do general Madeira, encarregado de manter nestas plagas o vexillo alvi-anil dos reis de Portugal. O tenente era a bravura em carne e osso. Seu baptismo de fogo foi uma apoteose magnifica: — "na primeira acção, á testa de sua companhia, atacou uma casa forte, onde o inimigo estava entrincheirado, e o fez retirar com perda. Nos dias de fogo comparecia nos logares de maior perigo, mostrando exemplar conducta". Já como capitão, e com o largo peito ornado com a condecoração da ordem do Cruzeiro, seguiu Lima e Silva para a campanha da Cisplatina para enfrentar as legiões dos trinta e tres bravos que sonhavam com um Uruguay independente. Durante tres annos lutou como um heroe, recebendo, como recompensa da energia dispendida, os ga-

lões de major e a sublime insignia de Cavalleiro da Ordem da Rosa. No novo posto recebeu ordem para commandar o Batalhão do Imperador, adquirindo neste cargo a amizade e a estima do imperante.

Animado por ideaes republicanos, o major Miguel de Frias concertou um plano revolucionario, e, pondo-o em execução, trouxe para a rua a tropa que commandava. Lima e Silva recebeu do ministro Diogo Feijó, ordem de "levar tudo a ferro e fogo". Partiu, celere, com seus soldados, e, rapida, e incisivamente levou a confusão e a derrota ás linhas rebeldes, pondo um ponto final no motim em poucas horas. Ha uma phase na vida do formidavel soldado em que elle se revela não só um chefe valente e ousado como tambem um habil e fino administrador. Sua figura varonil irradiava sympathia e, muitas vezes, após a victoria fazia dos vencidos amigos fieis. Foi assim que, agindo com prudencia e energia, conseguiu levar aos pagos gaúchos o ramo de oliveira, em 1837; pacificar os balaios no Maranhão em 1830 e dominar os rebeldes paulistas, mineiros e sulinos nos annos de 1842 e 1845.

A habilidade de Lima e Silva era notavel. Conduzia-se de tal modo em todas as contingencias da vida, que logrou attingir o generalato apenas aos 42 annos de edade, sem haver provado, uma vez sequer, o travo de um revez ou o desgosto duma derrota. Apesar do acendrado amor que tinha ao Exercito, Caxias tambem exerceu cargos politicos. Dizem que a politica é incompativel com o soldado; todavia, o bravo guerreiro soube desempenhar os cargos politicos com accentuada firmeza, de modo que, nem de leve, ficasse empanado o seu nome de general. Durante seis annos o conde de Caxias foi puramente politico, desempenhando as funcções de senador do Imperio.

A vida calma que então levava foi interrompida por um acontecimento imprevisto — a alliança de dois tyrrannos: Oribe, o carrasco do Uruguay, e Rosas, o algoz de Buenos Aires. Rosas, o "Tigre de Palermo", sonhava com vice-reinado do Prata abrangendo a Argentina, o Paraguay, o Uruguay e o Rio Grande do Sul. Caxias apressou-se em defender a integridade do Brasil. Chegado ao pampa, de todos os quadrantes surgiam, soldados, mui-

tos seus adversarios de outróra. Parecia que uma magnífica corneta houvesse soado naquelles rincões o toque estridente de "reunir". De braço dado com Urquiza e Garson, Caxias invade o Uruguay e em curto prazo submette Oribe e vence Rosas na batalha memorável de Monte Caseros. Ao voltar da campanha, em 1852, recebeu o título de marquez e a medalha de ouro Uruguay, que, com altanaria ostentava suspensa de uma fita tão verde como a esperança que o orientava.

Voltando o paiz á paz, pôde Caxias retornar ás suas preoccupações políticas, desempenhando successivamente as funcções de conselheiro de Estado, ministro da Guerra, presidente do Conselho de Ministros, senador e conselheiro de guerra. Tres pontos balisam a vida do grande varão. Um se acha localizado no berço, outro no tumulo e o terceiro no momento em que fôra nomeado comandante em chefe do Exercito brasileiro em operação no Paraguai: — 20 de outubro de 1866.

Um mez depois chegava o valoroso chefe ao solo sanguento onde se travara a dura batalha de Tuyuty — padrão de gloria do Exercito brasileiro. Sua missão era espinhosa. E elle teve disso absoluta certeza, quando, na tarde da sua chegada, vira o Exercito totalmente desorganizado e o "cholera" ceifando vidas preciosas. Enfrentou tudo com serenidade, e com mão firme levou aquelle montão de maltrapilhos e escaveirados ás ruas de Assumpção. A accão formidável de Caxias exerceu-se da retaguarda para frente. Ordenou a Osorio a organização de um corpo de cavallaria no Rio Grande e fez surgir inumeros armazens de viveres e depositos de fardamentos, sabendo que o homem é uma machina, e que, como tal, emperra ou pára quando lhe falta o lubrificante ou o combustivel — o agasalho e o alimento.

Desfechou a offensiva executando a marcha de flanco que idealisara e obtendo seus primeiros triumphos em S. Solano e em Humaytá. Sem desfalecimentos o generalissimo orienta o exercito ao longo do Paraguai, e, derrotando, uma a uma, as difficuldades, executa as passagens do Jacaré, do Tebicuary, do Paray, do Suribi-y até abordar a posição de Pikisiry, que Solano Lopez mandara fortificar, julgando-a inexpugnável. A difficuldade an-

tolhada faz brotar no cerebro de Caxias a genial manobra pelo chaco pestilento e impraticavel, fazendo construir pela engenharia militar uma picada de 11 kilometros, com cinco pontes, em sete dias, utilizando sómente troncos de arvores que, de inicio, sumiam na lama podre e fetida, rapidamente. A manobra foi realisada sem incidentes e dias depois a nossa vanguarda se chocava com as forças do bravo general Caballero nas margens do Itororó. O valente chefe paraguayo cede o terreno, palmo a palmo, numa immensa onda de sangue. A victoria sorri a Caxias. Comtudo, o inimigo era de folego, e, aproveitando o arroio Avahy como obstaculo, offerece nova resistencia, dura e tenaz. Caballero com seus cincos mil homens luta como um gigante e vende caro a victoria. As nuvens negras que toldavam o céo se transformam em choeiras descommunaes, alagando tudo: o terreno, a roupa, a munição, a propria carne dos combatentes. Osorio, ferido na boca, não pôde commandar, apesar de permanecer montado, dirigindo a peleja, que se mantinha indecisa. De chofre, surge Caxias, para assistir a belleza da manobra que previra. Joga os batalhões vacillantes para frente e aguarda a carga cerrada que a cavallaria de Andrade Neves, Menna Barreto e Camara deveria dar pela retaguarda do inimigo. Não esperou muito para ver o choque formidavel dos cavallos contra os defensores, que morriam pisados pelas patas dos animaes. Apesar de tudo, Caballero foge, para offerecer nova resistencia á retaguarda.

Na manhã seguinte o exercito continua a perseguição, animado pela proclamação do chefe: "Camaradas! o inimigo, vencido por vós na ponte de Itororó e no arroio Avahy, nos espera na Lomba Valentina com os restos do seu exercito. Marchemos sobre elle, e com esta batalha mais, teremos concluido nossas fadigas e provações.

O Deus dos exercitos está comnosco!

Eia! Marchemos ao combate, que a victoria é certa, porque o general e amigo que vos guia ainda até hoje não foi vencido.

Viva o Imperador!

Vivam os Exercitos Aliados!"

O chefe sabia o que dizia. A batalha de Avahy seguiram-se duas outras não menos brilhantes: Lomas Valentinas e Angustura, que abriram as portas da capital do Paraguai.

De regresso á Patria, o grande general não foi descansar, como tinha direito. Desempenhou as funcções de senador, conselheiro de Estado, membro do Conselho Superior Militar, ministro da Guerra e presidente do Gabinete.

* * *

Se a vida de Caxias pudesse ser representada por uma figura, esta seria a da linha recta. Não houve um só facto que quebrasse a sua linha rígida de conducta.

O Exercito brasileiro, escolhendo Caxias para seu patrono, foi coerente e justo, pois a sua imagem, sempre estampada nos corações dos nossos soldados, os guiará na trilha recta do cumprimento do dever.

SECÇÃO DE INFANTARIA

Redactor: FLORIANO BRAYNER
Auxiliares: BAPTISTA DE MATTOS
MANOEL GUEDES

O SERVIÇO DE INFORMAÇÕES NA INFANTARIA

"Il est certain, en effet, que la connaissance de l'ennemi fait partie les préoccupations de tout Chef qui entend ne pas abandonner au hasard de développement des opérations".

General Weygand.

"A informação é um dos elementos essenciais para a decisão do Chefe".

"O conhecimento do inimigo e do teatro de operações é um dos factores mais importantes das concepções e decisões do Chefe. A possibilidade de conceber com toda a liberdade de espírito e de decidir com segurança será para elle tanto maior quanto melhor informado estiver". (Instrução Provisória para a Busca e Interpretação das Informações).

"Para o commando, a possibilidade de tomar disposições assenta essencialmente:

— nas informações

— no dispositivo (Artigo 156 do R. S. C.).

"Comandar e colher informações continuas afim de poder prosseguir na realização da decisão, aproveitando do melhor modo as circunstancias, consoante a situação das forças proprias e o procedimento do inimigo" (N.º 96 do R. E. C. I., 2.ª Parte).

As prescrições regulamentares acima citadas, por si só, bastam para provar a capital importância que se atribue à informação.

Eis, a razão, porque junto a cada commando existe um orgão encarregado do serviço de informações e unico responsável pela coordenação dos esforços, centralização dos resultados, estabelecimento da synthese e diffusão das mesmas. Esse orgão é a 2^a Secção do Estado Maior das

Grandes Unidades e o oficial de informações nos Corpos de Infantaria.

Vamos estudar, particularmente, o official de informações no regimento de infantaria.

Este official, cujo apparecimento se deu durante a Grande Guerra — 1914 - 1918 — pelos nossos regulamentos, é um 1.º Tenente do R. I. e um 2.º Tenente em cada Batalhão.

O 1.º Tenente de informações faz parte do E. M. do R. I.. Tem como tarefa primordial o conhecimento da actividade do inimigo e a conservação do segredo da amiga.

Ora, de um lado, o numero, o valor e a oportunidade das informações que fornece e, de outro lado, as medidas que toma para manter o segredo da actividade amiga, não só influem muito nas decisões de seu commandante, como são um dos factores assenciaes para o exíto. Por consequencia, assume perante o chefe uma grande responsabilidade. D'ahi se concluir que o official de informações só pode ser um official de elite, possuindo conhecimentos vastos e tendo qualidades numerosas e elevadas.

Além de uma instrucção geral bastante desenvolvida, deve ter a alma do collecionador, methodo e ordem indispensaveis na classificação dos documentos que lhe chegam de toda a parte. Não deve ter ideias preconcebidas, pois será fonte de graves erros, cujas consequencias serão, em ultima analyse, supportadas pelas tropas.

Cont. do Serv. de Informações na Infantaria.

E' lhe imprescindivel o conhecimento do idioma do inimigo as necessidades e as possibilidades de todas as armas, o armamento, a organização, a tactica, etc., etc.. não só do seu exercito como os do adversario.

A topographia (cartas, planos directores, croquis, etc.), as photo de avião, o funcionamento e o rendimento dos meios de transmissões devem lhe ser familiares.

Finalmente, o verdadeiro official de informações é obrigado a estar sempre de bom humor, demonstrar confiança, ser optimista e ter um moral de ferro.

MEIOS DE QUE DISPÕE O OFFICIAL DE INFORMAÇÕES

a) — PESSOAL:

1.^o) — No R. I. :

- 1 sargento de informações, adjunto . . . 2.^o sargento
- Observadores do regimento 1.^o 3.^o Sgt., 2 cabos e 6 soldados;
- desenhistas 1.^o 3.^o Sgt. e 1 soldado.

2.^o) — No Btl.:

- 1 sargento de informações 2.^o sargento
- Observações do batalhão 1^a 3^a Sgt., 2 cabos e 4 soldados.

b) — MATERIAL

- Material de observação: — binóculos, binóculos, etc.
- material de desenho: — pranchetas, alidades, etc.;
- cadernos para o registro de ordens e informações;
- material de arquivo: — organização do exército inimigo, cartas, croquis, boletins de informações, etc., etc..

MISSÕES DO OFFICIAL DE INFORMAÇÕES

O papel do oficial de informações identifica-se com o funcionamento do seu serviço.

Comprehende:

- 1.^o) — A busca, a transmissão, a interpretação e a diffusão das informações;
- 2.^o) — A defesa contra o serviço de Informações do inimigo.
- 3.^o) — A instrução no que diz respeito á informações, ministradas aos officiaes e ao pessoal especializado do R. I. .

No ponto de vista da busca de informações, temos a considerar:

a) — **A vigilancia geral**

A primeira missão do official de informações, é uma missão de vigilancia geral. Deitado no sólo, atraç de um talude, sob dois metros de concreto, ou noutra qualquer situação, o nosso especialista, tendo junto a si alguns dos seus auxiliares, observa continuadamente a frente, o terreno adversario, ccm todos os seus sentidos para alli voltados, seus olhos avidos, só pensa numa coisa: conhecer a actividade inimiga sob todas as suas fórmas. Após, esquadra o céo, onde passam os aviões e oscillam os balões captivos. Examina, em seguida, o terreno e os locaes ocupados pela tropa amiga.

Portanto, a todo instante, olha, espreita, esquadra, escuta, recolhe, annota e transmite todas as manifestações da vida do animado, mesmo as que julgar insignificantes ou de pouco valor.

E' a isso que se chama missão de vigilancia geral.

Ella não é só dos orgãos de busca, mas tambem de todos os combatentes. Estes, porém, tem uma tarefa mais dura: matar para não morrer; por conseguinte, vêm muito, observam mediocrementre, informam muito pouco.

D'ahi a necessidade de dotar os corpos de um pessoal especializado, apparelhado e, sobretudo, distraido materialmente do combate para ver, recolher e informar.

b) — **A posição da infantaria inimiga:**

Os orgãos de busca de informações: observatorios, aviões, balões, postos de escuta, agentes, etc., etc., procuram-se desde a primeira linha até muito além de suas retaguardas. Ha, porém, uma zona do terreno de particular importancia, onde o official de informações concentra toda a sua attenção, todo o seu trabalho: é a posição da infantaria inimiga.

E', entre as suas missões, a principal; para ella é que foi creado, apparelhado e especialisado.

Conhecer profundamente a posição ocupada pela infantaria adversaria, eis a sua principal tarefa.

Mas, impõe-se conhecê-la antes é melhor, mesmo, que á sua propria Infantaria. Viver do outro lado, pelos olhos,

pelo pensamento, deve ser o fim procurado pelo vosso especialista.

Em um excellente trabalho de autoria do Capitão Lombard, encontramos a seguinte imagem: "O official de informações assemelha-se a essas velhas besbilhoteiras que, escondidas por detrás das janellas, espiam constantemente os vizinhos e chegam a conhecer completamente a vida íntima de cada um".

Mas, como chegaremos a conhecer a posição de infantaria adversaria?

Inicialmente pela determinação do que os regulamentos chamam: o seu contorno aparente, ou para empregarmos uma expressão mais feliz: seus cheios e seus vazios, isto é, por onde passa a linha inimiga.

Uma vez esta linha determinada, é necessário saber onde, como e porque, a partir dessa órla, o inimigo distribue no terreno os seus angulos e órgãos de fogo, onde tem trincheiras, defesas accessórias, observatorios, P. C., órgãos de transmissões, etc., etc.

E' preciso que o official de informações tenha sciencia dos locaes em que se encontram aquelles engenhos de fogo, que, no dia do ataque sejam precisamente destruidas, neusas zonas que batem, seus apoios mutuos, etc., afim de tralidas ou desbordadas.

Finalmente, é-lhe pedido sondar o rythmo da vida da infantaria inimiga, isto é, sua actividade, reacções, passividade, aggressividate, seus habitos, manias, substituições, etc., etc.

Desde já sentimos a extensão da delicadeza e das dificuldades que o nosso tenente terá de vencer.

Quantas vezes dirá consigo mesmo: como interrogar esse vazio, esse silencio; como rasgar esse véu que tenho á minha frente ?

Pois bem, á custa de um formidavel trabalho de paciencia, de faro, de observar e escutar, poderosamente auxiliado pelas informações e documentos enviados pela 2^a Secção da D. I., e tendo uma vontade firme de bater-se com o inimigo, acabará triumphando.

c) — Conhecimento da nossa primeira linha:

Casos ha em que o commando passa horas angustiosas sem saber onde está a sua primeira linha.

Em periodo de movimento, frequentemente é difficultalha. Quando dispomos, porém, de uma boa carta, kilometrada, que as balas do adversario permitem, a coisa é bastante facilitada. Mas, no caso contrario, sem carta, em uma região desprovida de pontos de referencia, onde metralhadoras, granadas, canhões, aviões, em orchestra sinistra espalham a morte, onde o infante está no jogo terível de matar para não morrer, onde na fumaça e poeira em profusão, onde o pobre combatente mal pode mexer a cabeça e os mensageiros são caçados, como avisar e situar exactamente onde se está?

Entretanto, é para o commando, de qualquer unidade, questão capital o conhecimento da linha do terreno por ella attingida, pois é elle o coração do combate. Logo, é necessário seguir-a continuadamente e de perto.

Pois bem, é ainda o official de informações que, em parte se incumbe dessa missão, porque, em alguns casos, pela sua actividade pessoal, pode superar a falta de informações vindas da linha avançada.

Em terreno favorável — terreno cuja progressão é devassada por varios observatorios — pode seguir, passo a passo, o avanço de seus camaradas e situá-los em um dado momento.

E, mesmo quando não achar esses terrenos de condições excepcionais, uma observação bem orientada dar-lhe-á algumas indicações.

Si, além disso, interroga feridos, mensageiros, etc. fazendo-os precisar no terreno e lugar de onde veem, o que viram e o que alli se passa. si toma conhecimento de todas as partes vindas da primeira linha de combate, chegará, pouco a pouco, a conhecer-a em toda a sua extensão.

Todavia, durante o combate, essa missão de seguir os movimentos de nossa linha avançada confunde-se com a observação da linha inimiga. São dois contornos que se chocam reagindo um contra o outro.

d) — Outras informações:

Além de verificar a ordem de batalha do inimigo e de remetter para a retaguarda documentos, prisioneiros, armas, etc., encontrados no campo da luta, o nosso especialista pode ser encarregado de obter certas informações para uma determinada operação.

Por exemplo: estudo detalhado de uma parte do sector onde se deseja fazer um golpe de mão; durante uma progressão, informações sobre o estado de uma estrada, ou de determinada obra d'arte; antes da travessia de um rio, reconhecer os pontos favoráveis, as condições das margens, etc.

FONTES DE INFORMAÇÕES

Para cumprir o seu papel, o oficial de informações dispõe das fontes de informações assim especificadas:

1º) — Informações colhidas no interior do regimento:

Estas informações, que não estão interpretadas, provêm :

- a) — Da observação terrestre;
- b) — do contacto; — patrulhas; — golpes de mão; — reconhecimento de official, etc.;
- c) — do inimigo, isto é, prisioneiros, desertores, papéis, peças de uniforme, armamento, etc.;
- d) — dos habitantes.

2º) — Informações colhidas no exterior do regimento:

Estas, geralmente, veem interpretadas e promanam:

- a) — da Divisão de infantaria;
- b) — das unidades vizinhas;
- c) — eventualmente, de órgãos de busca situados nas proximidades do R. I. (Secções de referencia pelo som, escutas electricas, etc.);

Vamos passá-las em revista.

— Observação terrestre:

A observação é a fonte principal de informações para o regimento. Com efeito, de um lado, os factos observados são actuaes e ocorrem a pequena distancia: correspondem, portanto, exactamente ás necessidades do regimento. De outro lado, a observação é, para o regimento, a unica fonte permanente e certa pelo elevado numero de pessoal especializado, pela facilidade e a rapidez de sua installação. Emfim, basta-se a si mesma, pois o phenomeno podendo ser observado de varios pontos permitte, normalmente situá-lo com precisão, senão admittil-o como certo.

E' por essas diferentes razões que o oficial de informações deve consagrar todos os seus desvelos e toda a sua actividade á organização e ao controle do funcionamento dos meios do regimento, especializados na observação.

A utilização destes meios, que constitue uma das mais importantes tarefas do official de informações, é baseada, entre outras, na applicação das ideias seguintes:

- a) — organizar a observação em todas as circumstanças do combate, até mesmo durante a marcha de approximação coberta;
- b) — realizar a continuidade da observação no tempo (por um pessoal sufficiente para cada observatorio) e no espaço (por um numero de observatorios necessarios para que todo o terreno seja observado em largura e em profundidade);
- c) — obter a intersecção dos phenomenos observados pelo cruzamento das zonas de vigilancia;
- d) — permitir a observação pessoal do Coronel e do officiai de informações;
- e) — assegurar a transmissão das informações, graças ao emprego de meios adequados e capazes;
- f) — controlar, tão frequentemente quanto possivel, o funcionamento dos observatorios.

— Funcionamento da observação regimental:

- a) — A installação.

O funcionamento da observação regimental e o seu rendimento, são, sobretudo, uma questão de instalação.

Consideraremos:

- 1) — A repartição dos meios de observação em função da situação: —

— A instalação depende primeiramente da situação.

Em principio, o oficial de informações só dispõe dos seus meios orgânicos. Entretanto, na offensiva como na defensiva pode intervir no emprego dos meios das unidades subordinadas ao título de conselheiro technico, e até mesmo, si o commando julgar necessário, impôr-lhes servidões.

Em movimento, a observação regimental é principalmente organizada em profundidade. O fim visado é mais o de poder seguir o desenvolvimento de conjunto da acção, do que procurar informações numerosas, detalhadas e precisas sobre o inimigo. Isso está de acordo com a fraqueza dos meios e a falta de tempo, que não permitem assegurar a continuidade da observação em largura e as transmissões. Accumulam-se, portanto, os meios ao longo de um eixo de observação passando por pontos donde seja possível seguir pelo menos, a parte essencial da acção. Caso não o permitta em relação ao seu desenvolvimento total.

No regimento, normalmente o oficial de informações constitue duas turmas (excepcionalmente tres), de um graduado e dos homens, providos de material leve, revezando-se no eixo de deslocamento do posto de commando (imposto pela D. I., e passando geralmente, por observatórios importantes do terreno).

Essas duas turmas deslocam-se de observatório em observatório; a todo momento, a cada instante, uma delas estará parada em acção e a outra em marcha. Os observatórios sucessivos são escolhidos tão perto quanto possível dos locaes do P. C., para facilitar as transmissões e a observação pessoal do chefe.

Aos batalhões, o Coronel impõe, depois de consultar os officiaes de informações e de transmissões, um itinerario de deslocamento de seus P. C. passando por bons observatórios e proximos dos eixos e centros de transmissões. Um

desses itinerarios pode vantajosamente ser o utilizado pelos meios do R. I.

Em estação, a observação é organizada em largura como em profundidade. Tem-se a intenção de obter por ella informações numerosas, precisas, assinaladas por mais de um observatorio, proveniente das zonas, inimiga e amiga.

Isso é, aliás, conseguido pelo tempo que dispomos e meios mais poderosos postos em linha.

Os observatorios de batalhão installados pelos seus officiaes de informações, porém orientados pelo especialista do R. I., melhor ligados a este do que em periodo de movimento, constituem a base da rede; asseguram entre elles só a continuidade da observação no tempo e em largura. Seus sectores de vigilância devem se recortar.

Os meios do regimento, em geral duas turmas, excepcionalmente tres, aotados do material disponível, são estabelecidos:

— quer em largura e à retaguarda dos observatorios de batalhão, sobrepondo suas zonas de vigilância ás destes e assegurando o escalonamento em profundidade;

— quer, o mais das vezes, em profundidade, observatorio avançado utilizando um local importante e constituindo um pequeno C. A. I., o outro, o da retaguarda, desempenha o papel precedente.

Emfim, quando o P. C. do regimento está longe de qualquer dos observatorios, o official de informações organiza, nas proximidades, um **posto de observação** para uso não só do Coronel como tambem seu.

2) — Outros elementos da instalação:

Para realizar completamente a instalação dos meios, é imprescindivel que o nosso especialista estude outros elementos do problema, a saber:

- as informações sobre o inimigo;
- a situação amiga (zonas de acção do R. I. e dos Btls., ideia de manobra, missão da observação imposta pela B. I.);

- o terreno, que elle analysa pela carta, e, sempre que possivel, o examina in loco; determina, nas zonas amiga e inimiga, as partes movimentadas, chatas, cobertas, descobertas e procura os pontos elevados susceptiveis de permittir a installação de observatorios tendo vistas largas e profundas;
- por fim, os meios em pessoal e material de observação que dispõe (quantidade, estado, etc.) e os de transmissão que poderão ser postos á sua disposição.

3) — Realizações:

Do estudo desses diversos elementos, o official de informações deduz de um lado, conforme a missão, as necessidades do seu regimento; de outro, as possibilidades para a observação em face de seus meios, o terreno e a situação geral.

Como resultado surge a concepção do emprego da observação regimental.

Essa concepção é expressa e por meio de um plano de observação, acompanhado de todas as indicações técnicas necessárias.

b) — Execução da observação regimental:

Installados os meios de observação do regimento, o papel do oficial de informações é muito simples. Ele consiste :

1º — Em controlar a installação técnica e o funcionamento dos observatórios;

2º — Em registrar e situar as informações recolhidas pelos observatórios e chegados ao P. C. do Coronel.

O CONTACTO

O contacto é uma fecunda fonte de informações.

As tropas em contacto não constituem um órgão espe-

cializado, mas a verdade é que as informações por elas fornecidas são de primeira ordem, pois a linha avançada está a dois passos do adversário.

As informações colhidas pelo contacto completam, confirmam ou anulam as obtidas pelos observatórios.

Nessas condições é necessário que as unidades saibam a natureza das informações desejadas pelo chefe.

Compete, portanto, ao oficial de informações orientá-las nesse sentido. Não é seu mistério acionar o serviço de vigia, ou o da observação das Companhias, mas, por ordem do Coronel, indica servidões às unidades subordinadas.

Infelizmente esta fonte de informações é quasi sempre perdida ou esquecida. Findo o combate o soldado só pensa em comer e descansar, pois isso lhes é imposto pelo dispêndio nervoso causado pelo fogo e dobrado pela fadiga muscular dos mil movimentos executados.

Quantas vezes, por exemplo, uma companhia ataca uma crista, um bosque ou uma fazenda, que lhe foram dados objectivos, e atingindo-os infórmá de um modo breve, lançando um simples sinal de foguete, e, extenuada a tropa, esquece-se de dizer que os mortos inimigos têm tal distintivo, si a direita ou a esquerda tal unidade alcançou ou não o seu objectivo, si o inimigo se entrincheira ou se retira.....

Por consequência, para efectivamente termos as informações de contacto, é necessário que o oficial de informações, além de se interessar, exerça a sua influencia pessoal.

Sempre que possível, antes da partida dos reconhecimentos de officiaes e das patrulhas de reconhecimento, como ao regressarem, devem ter um entendimento com o oficial de informações da unidade.

(Continua)

A PROPOSITO DA MOTORISACAO

Pelo Cap. Durval Magalhães Coelho

A impressão deixada no espirito dos peritos militares quanto á capacidade de acção dos exercitos na grande guerra, notadamente quanto á massa principal destes — a infantaria — foi a de um forte revigoramento do poder defensivo, acarretando longos periodos de estabelisação durante os quaes os seforços desesperados das partes em presença para obter uma decisão iam-se quebar ante defezas accessorias, prodigamente batidas pelo fogo de armas automaticas bem abrigadas e servidas por pessoal atingivel, cuidadosamente enterrado.

A arma automatica, na qual os peritos de antes da guerra mundial depositavam as maiores esperanças quanto á efficiencia, nas operações de caracter offensivo, como um economico reforço das linhas de atiradores de então, mostrou-se, desde o começo das hostilidades, sensivelmente mais efficiente para as operações defensivas. Desde então todos os esforços se congregaram na procura de um meio capaz de permittir aos exercitos recuperar a sua capacidade offensiva. A apparição, no fim da guerra, de engenhos mechanicos, marca uma apreciavel etapa nesse sentido. O seu valor não pode ser, porem, devidamente comprovado em virtude do desfecho que teve a luta com a victoria dos alliados, graças, sobretudo, ao total desgaste dos seus adversrios.

A preocupação de reintegrar aos exercitos toda a sua capacidade offensiva, perdurou e, presentemente, domina os estados maiores das grandes potencias. Aperfeiçoamento de morteiros, meios chimicos e biologicos, apuração de methodos de tiro, etc., revelam modalidades das diversas tentativas ultimamente levadas a efecto sem dar ao problema solução satisfatoria. A tarefa da Infntaria, tornada mais particularmente ardua devido ao augmento depotencia obtida pela defesa, deve ser aliado sem que ella perca o lugar de destaque que lhe cabe — com a apparição de engenhos que podem tomar a seu cargo uma parcella do papel formidavel que lhe compete. A Infntaria, aliás, não a unica arma a ser beneficiada ou a soffrer as consequencias da motorisação e da mechanisação.

Nestas condições, o carácter de uma guerra futura, pelo menos no inicio, será eminentemente aggressivo. Dizemos, pelo menos de inicio, porque agora, como em todos os tempos, cada novo orgão offensivo que surge, provoca, em oposição, novo orgão defensivo no ambito das linhas classicas da eterna luta do projectil contra a couraça.

O accrescimo do poder offensivo dos exercitos é agora nitidamente baseado no motor. Infantaria organisada segundo os moldes tirados da grande guerra já se apresenta archaica e, se perdurar, leval-a-á, numa guerra contra adversarios motorisados, ás maiores decepções.

*

O motor de explosão trouxe em cada ramo da actividade militar consequencias revolucionarias ainda mais accentuadas que o vapor quando da sua apparição.

O aproveitamento deste ultimo como força importou na desapparecimento das velhas manufcturas, na criação das grandes industrias subordindas ao machinismo; collocou a destruição de massas e productos humanos sob bases mechanicas. O encouraçado revolucionou a technica naval. A via-ferrea imprimiu novo carácter ás operações militares, permittindo mobilidade ás massas do serviço obrigatorio munidas de armas portaveis, e possibiliou a impulsão rapida de taes massas sobre pontos sensiveis.

O emprego do motor de explosão nos exercitos, confere-lhes accrescimo de actividade e de velocidade em terra, ria na technica e na organisação militar.

As mais flagrantes transformações na arte militar em consequencia do motor dizem respeito ao desenvolvimento da aviação, dos sumersiveis e dos carros blindados, sem esquecer os especialistas e auxiliares que os secundam a suprem. Consagrados como orgãos offensivos, provocaram a apparição de orgão defensivos correspondentes e, para explorar o coeeficiente de mobilidade que elles conferem a necessidade da utilisação de apreciaveis massas e de meios de transporte motorisados para o deslocamento da tropa e do material.

Aviões de reconhecimento e de combate, carros de combate de diferentes categorias, cavallaria, artilharia, especialistas e auxiliares motorisados, tudo requer a pre-

paração de um pessoal altamente qualificado para por em ação tão complexo mecanismo de combate. Dahi decorre nova estructura e nova organisação militar.

As grandes velocidades e mobilidades alcançadas, a capacidade de surpresa majorada, conjuram para tornar sediças certas idéias no dominio tactico e revolucionario e do minio estrategico.

MOTORISACÃO E MECHANISACÃO

O aproveitamento do motor nos exercitos é conhecido sob o nome generico de motorisação. Este termo é, porem, mais commumente empregado quando se faz referencia a vehiculos automoveis, de qualquer natureza, para o transporte de pessoal e material. Em se tratando de vehiculos motorizados que tomam parte indirectamente no combate a expressão consagrada é mechanisação.

O emprego de vehiculos motorizados desempenhou um papel saliente no começo de Setembro de 1914 quando Gallieni, então governador militar de Paris, derramou no "front" massas consideraveis de tropa, requisitando taxis e vehiculos automoveis de todas as especies contribuindo assim de modo apreciavel para a victoria do Marne. Em 1916 Verdun foi salva pelo transporte de reforços, munições e materiaes diversos numa interminavel columna de caminhões, durante varios meses, pela estrada de Barle-Duc. Em 1918 à esperança de uma ruptura na direcção de Amiens foi frustada por tropas que accorreram aos pontos ameaçados transportadas em caminhões. Em todos os "fronts" da grande guerra a motorisação permitiu o sucesso de muitas batalhas, facilitando o movimento e a remessa de reforços.

No Brasil ha exemplos de motorisação que convem não relegar. Em fins de 1924 o governo legal só poude enfrentar, deter e bater os rebeldes no Paraná lançando mão de columnas de caminhões que o saudoso General Olympio da Silveira — naquelle época Ten. Cel. chefe do estado maior das forças que obdeciam ao commando do General Rondon — criou e alimentou. Em 1932 o Gen. Góes Monteiro soube tirar partidos dos differente recursos que lhe eram enviados do Rio pela estrada para S. Paulo, em

caminhões e omnibus requisitados. Em comissão na Europa durante os tragicos acontecimentos de Novembro do anno passado, com a nossa attenção aguçada para a motorisação nas principaes potencias européas, muito nos calou no espirito o facto de terem sido uma companhia e uma bateria motorisadas os primeiros elementos da ordem que accorreram para suffocar o fóco de rebellião que irrompeu na Praia Vermelha.

E estes exemplos colhidos ao acaso mostra-nos que a motorisação já é desde algum tempo conhecida entre nós. O que nos falta é perfilhal-a.

A recente campanha da Abyssinia fornece largo manancial de estudos a todos aquelles que se interessam pela motorisação. Nenhum espirito equilibrado poderá negar que os successos rápidos alcançados pelos italianos foram, na maior parte, devido a maneira systematica com que elles se serviram dos vehiculos automoveis...

Os allemães confessaram (Tenente Coronel Nehring Ministro da Guerra do Reich. *Kampwagen in die Front*) que os carros de combate modificaram o rythmo das operações na frente occidental. A barreira de organizações nesse teatro nunca pôde ser quebrada pelos mais densos bombardeios, em Verdum, na Champagene, em Flandres, no Somme. Só os carros de combate quebraram o encanto da sua inexpugnabilidade. Aliás é este o pensamento do General Fuller do Exercito Britannico, num ensaio sobre a mecanização, quando afirma que o apparecimento do carro traduziu a mais segura reacção á guerra de trincheiras.

Foram os britannicos, no Somme em Setembro de 1916, os primeiros que empregaram os carros de combate. A partir dessa data, os carros foram utilizados em quasi todas as batalhas do "front" occidental embora nunca em formações massicas. O primeiro ensaio de emprego em massa foi tentado ainda pelos inglezes em Cambrai a 20 de Novembro de 1917, onde 376 carros de combate tiveram parte, 278 no ataque e 98 em apoio. O resultado foi uma surpresa numa frente de cerca de 13 kms. e um avanço de 8 a 9 kms. no decurso de 12 horas. Parece que os inglezes não esperavam tão accentuado sucesso por-

que não preparam reservas para explorá-lo. Em 18 de Julho de 1918 os franceses conseguiram uma ruptura de mais de 40 kms. entre Soissons e Chateu-Thierry, mediante o emprego de 600 carros de combate. A 8 de Agosto (dia negro de Luddendorff) os ingleses com 500 carros atacam de surpresa numa frente de 30 kms. nas proximidades de Amiens.

Todas essas ameaças repercutiram no desfecho final da guerra. "Não é o genio do General Foch que nos vence", disse o General Zwehl, "mas o General Tank".

A ultima phase da grande guerra esboçou todos os elementos da nova estratégia. Nessa época o "meio" carro não tinha ainda atingido a sua plenitude técnica, nem as possibilidades estratégicas que elle apresentava puderam ser plenamente exploradas. As transformações que os carros accarretavam não prosseguiram além das primeiras tentativas.

Parece que o alto commando alemão, a despeito dos revezes sofridos, mostrou-se sceptico para est aquestão e não previu a revolução estratégica que os carros preparavam. No fim da guerra os alemães dispunham apenas 45 carros cuja maioria foi captada. Mesmo nos seus preparativos para 1919, elles persistiam em bater os carros adversários pelo emprego apenas da artilhria.

Os aliados, pelo contrario, tinham previsto para 1919 o emprego dos carros em grande escala. 10.000 carros estariam prompts para serem lançados simultaneamente numa frente de 300 a 350 kms.

Ainda não temos dados suficientes para avaliar a cifra dos carros empregados pelos italianos na campanha da Abyssinia. A julgar pelos informes da imprensa e pela reportagem cinematographica, os efectivos de que elles lançaram não deve ter supreendido aquelles que julgavam o seu emprego restringido aos arredores de grandes centros industriaes, servidos por rede rodoviaria cerrada e de seguro percurso em qualquer época.

*

Animamo-nos a roubar a preciosa atenção dos leitores da "Defesa Nacional" com esta pequena palestra sobre a motorização por nos parecer o problema da maxima actualidade e por estarmos convencidos de que ninguem

melhor, do que elles poderá comprehendender a repercussão salutar que o seu estudo poderá trazer em relação á estrutura dos sonhos orgâos de defesa.

O assumpto é delicado; pede meditação. No começo é um tanto arduo porque requer certa dose de conhecimentos technicos, um tanto diferentes dos necessarios á vida corrente, maximé na infantaria. Sendo, entretanto, a tenacidade um dos apanagios da nossa arma, desde que nos competentetremos, para não nos tornarmos obsoletos, que somos os mais deperto interessados em tão palpitable questão, o problema será aceito como um desafio e todos os entraves que possam surgir para difficultar a sua solubilidade serão de prompto sobrepujados.

A experincia passada aqui não é muito fertil em ensinamentos. Equacionou o problema, não o resolveu. Nada ficou de absoluto. Tanto vale dizer, é inútil bater nos pantheons para indagar o que fez este ou aquelle grande chefe quando armado com o novo recurso.

A via mais segura a seguir é ressuscitá-los percorrer com elles os progressos realisados pela industria, fazel-los reflectir dentro das realisações e indagar-lhes o que fariam nas circunstancias actuaes.

Em summa: estudo, raciocínio, realizações.

TROCADILHO

Estava Carlos de Laet assistindo a missa cantada numa igreja, quando ouviu magnifica voz de soprano.

— Sim, senhor, observara: ha muito, não ouço voz tão bella.

Vira-se para o côro. Quem cantava era uma rapariquinha de azeviche retinta. E, soridente e ironico, acrescentára elle:

— Vejam só como são as coisas: antigamente se mettia o couro nas negras; hoje se mette as negras no côro!



SECÇÃO DE CAVALLARIA

Redactor: PAIVA CHAVES
Auxiliar: LADARIO

OS MEIOS DE TRANSMISSÕES DA CAVALLARIA E SUAS REAÇÕES SOBRE O COMMANDO

Pelo Cap. ADALARDO FIALHO

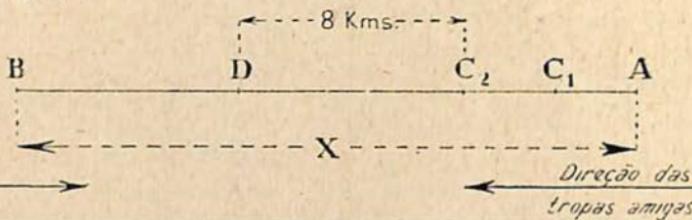
Official de Engenharia e servindo em Btl. de Transmissões, chamou-me a attenção, ao fazer uma "incursão" no emprego da cavallaria (curso actualmente o "Curso de Preparação para a matrícula na E. E. M."), a questão dos meios de transmissões que a cavallaria utiliza para fazer chegar aos escalões superiores as informações que recólhe. Todos sabemos que as informações sobre o inimigo devem ser colhidas pela cavallaria a uma distancia tal da trópa que lhe permita manter sua liberdade de manobra em face desse inimigo, quer para o combate offensivo, quer para o defensivo. A' cavallaria incumbe manter essa distancia, seja no espaço, seja, pelo combate, no tempo. Essa distancia deve ser vencida pelos meios de transmissões, encarregados de fazer chegar as informações até ao commando. Detenhamo-nos aqui. Quando cursavamos a Escóla de Aperfeiçoamento, no decorrer de ligeiras palestras sobre cavallaria; achamos divertido a indicação de uma fórmula de matemática para a determinação da distancia em que as informações devem ser colhidas. Hoje, porém, em que um estudo mais ponderado nos preoccupa, penitenciamo-nos daquelle menospreso e damos a mão á palmatoria.

Vamos ao ponto de afirmar que essa fórmula deve ser um dos mandamentos do cavalleriano. Isso porque ella não é nenhuma fantasia. Ella é dessas realidades ante a qual temos que nos render. Ou ella é observada, ou o commando não tem tempo de tomar as suas disposições para o combate.

Eis a questão. E' claro que a cavallaria tem o recurso de retardar a accão, de manobrar em retirada, quando se achar aquem da distancia indicada pela fórmula, mas dahi por diante tudo se precipitará. Em todos os casos a transmissão das informações tem uma repercussão immediata na attitude do commando e a propria existencia dos meios de transmissões reage sobre sua conducta.

Abordemos a fórmula para sentil-o. (Ver croquis n.º 1)

Croquis n.º 1



Seja:

B — o ponto de partida da informação (cav.)

A — o ponto de chegada (comando)

$BA = X$, distância procurada.

V_a — Velocidade horaria da trópa amiga

V_i — Velocidade horaria da trópa inimiga

V_t — Velocidade de transmissão da informação.

n — o tempo, expresso em horas, para o commando tomar uma decisão, após a chegada da informação, transmittir-a á trópa e esta executar-a (mudança de dispositivo, etc.)

C_1 — Situação dos elementos de segurança da trópa no momento da chegada da informação em A.

C_2 — situação desses elementos após a tomada do novo dispositivo, ao fim de n horas. $C_2 = n V_t$ portanto

$DC_2 = 8$ kms., margem de segurança quanto á Art. inimiga ou seja a distancia limite que a essa Art. se concederá attingir no momento em que a trópa termina seu novo dispositivo e afim de que não seja, até então, molestada por ella.

$$BD = \left(\frac{X}{V_t} + n \right) V_i \text{ distancia maxima que se}$$

concederá ao inimigo marchar após a partida da informação da tomada do novo dispositivo, não seja molestada por elle.

Isto posto, logico é que BD deve se menor ou, no maximo, igual a $X - DA$, donde a fórmula:

$$\left(\frac{X}{V_t} + n \right) V_i \geq X - \left(AC_1 + n V_a + 8 \right)$$

onde X é a distancia procurada.

Nessa fórmula:

$$\left. \begin{array}{c} X \\ V_t \\ V_i \\ V \\ AC_1 \end{array} \right\} \text{ expressos em quilometros}$$

n — expresso em horas.

Encontrada a distancia, devemos accrescentar-lhe mais 2 ou 3 quilometros, correspondentes ao tempo que a cavallaria leva para tomar as informações, pois ella não oage instantaneamente. Vejamos

agora os meios de transmissão que a cavalaria pôde dispôr. Si ella tem radio:

$$V_t = \infty \quad (\text{praticamente})$$

Será:

$$\frac{X}{V_t} = 0$$

E a fórmula reduz-se a

$$n V_t = X - (AC_1 + n V_a + 8)$$

Suppondo que:

$n = 2$ horas, tempo que não será excessivo, si atendermos parar as dificuldades de nossas fronteiras.

$V_t = 4$ kms. por hora, peiór hypothese, sem retardamento

$AC_1 = 3$ kms., distancia que põe o grosso a salvo dos tiros de Infantaria.

$V_a = 4$ kms. por hora.

Temos:

$$2 \times 4 = X - (3 + 2 \times 4 + 8)$$

Resolvendo, achamos

$X = 27$ kms. ou 30 kms., acrescentando mais 3 para a conquista da informação.

Si ella emprega os pombos correios:

$$V_t = 60 \text{ kms. por hora}$$

Introduzindo este valor na fórmula achamos:

$$X = 29 \text{ kms. ou } 32 \text{ kms.}$$

Si ella utiliza os estafetas:

$$V_t = 12 \text{ kms. por fóra}$$

e

$$X = 40 \text{ ou } 43 \text{ kms.}$$

Não calcularemos para os outros meios de transmissões por uma questão de realidade. "Nos periodos de movimento, diz o Regulamento para o emprego dos meios de transmissões, e enquanto o contacto não fôr tomado as transmissões da D. C. fazem-se pela radio-telegraphia e pelos agentes de transmissões: estafetas em automoveis, motocicletas, bycicletas, quando os meios, o estado das estradas e a situação o permittam; estafetas a cavallo quando não se pôdem utilizar meios mais rápidos; e na medida imposta pelas circumstâncias, por pombos correios, avião ou outro qualquer processo". Ora, radio-telegraphia deve-se ter, com recursos ou sem recursos, porque ella é a base do sucesso das "descobertas". Cavallaria de descoberta sem radio é commando informado tardiamente. E' não tirar dessa arma todo o rendimento que ella é capaz de dar. E' cavallaria condenada a sacrificio. E' commando sem segurança. Já quanto aos automoveis, motocicletas, bycicletas e aviões, devemos brasileiramente riscal-os do regulamento, primeiro porque nunca ha dinheiro para compral-os. Quanto aos telephones, idem, idem, com duas aspinhas mesmo porque diz a citado regulamento:

"Nessa phase da manobra (periodos de movimento, aquelles em que a procura das informações têm a maior extensão) não pôde ser utilizado o telephone para as comunicações interiores da divisão. Excepcionalmente poderá ser encarada a utilização das linhas existentes, afim de ligar o posto de commando da Divisão ou Corpo de cavallaria a um Centro de Transmissões do Exercito". Além de tudo, o mesmo regulamento considera o telephone um meio de transmissão de organização

lenta e cujo emprego, principalmente em território inimigo, deve ser encarado com reservas. O telephone não se coaduna com a cavallaria, nas suas missões de procura de informações, porque, reza ainda o Regulamento de Transmissões:

“A mobilidade da cavallaria, a envergadura de seus deslocamentos, a rapidez, as modalidades diversas de suas operações e a busca de informações que constitue uma de suas missões essenciaes, criam necessidades especiaes para esta arma. Ella deve, pois, ser largamente dotada de meios de transmissões de **rapida installação e grande alcance**, que lhe assegurem o jogo efficaz dos respectivos elementos engajados em largas frentes e a transmissão, a **grande distancia**, de informações urgentes e importantes”.

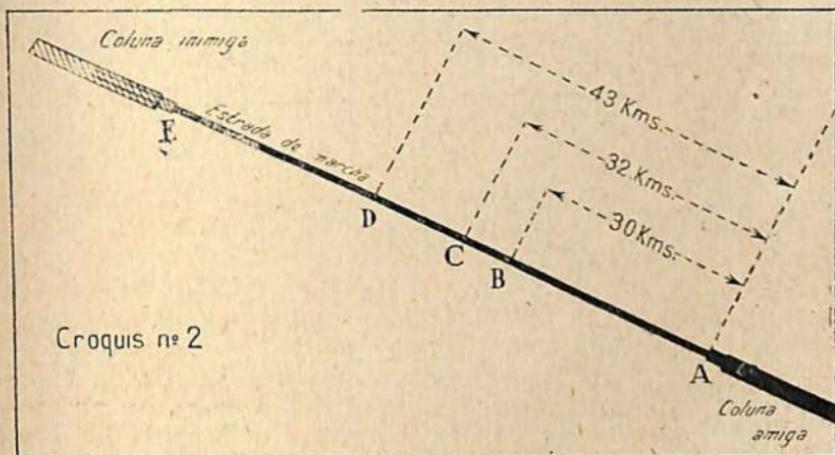
Façamos os nossos calculos, portanto, só com o radio, sem o qual não ha descoberta e com os pombos, que poderemos criar com o milho nacional e com os estafetas, cujo cavallo, em ultimo caso, poderá comer o verdejo das ricas campinas desta gloriosa terra de Santa Cruz, rincão das mais vastas possibilidades e cujo futuro se desenha promissor no horizonte anil das mais radiosas esperanças, conforme megalomanias eternas de pretensoes ideologistas sem accão e que deveriam ser passados na borracha das realidades...

Resumamos pois as nossas distancias num quadro:

Meios	Distancias em que as informações devem ser procuradas.
Cav. dotada de estafetas	— 43 kms.
Cav. dotada de pombos	— 32 kms.
Cav. dotada de radio	— 30 kms.

Essas distancias constituem a justa medida das precauções que o commando deve ter deante do inimigo e em face dos meios de transmissões

que a sua cavallaria possue. Salta logo á vista a pequena diferença de resultados entre o emprego do radio e o dos pombos correios, ficando porém o radio com supremacia sobre os pombos devido a que as informações destes ainda precisam ser encaminhadas do pombal até ao commando, ao passo que as do radio chegam directamente ao P. C. da autoridade. Vejamos agora as reacções desses meios de transmissões sobre a conducta do chefe e sobre a da propria tropa. Vêr croquis 2.



Sejam A e E duas columnas inimigas marchando ao encontro uma da outra pela estrada E D C B A. Supponhamos que a cavallaria trabalhando em proveito do commando dispõe de radio e que, ao chegar em B, defrontou-se com a columna inimiga. Ela transmittirá immediatamente a informação pelo radio e poderá em seguida, digamos assim para raciocinar, desapparecer do scenario da lucta. Isso não causará nenhuma surpresa ao commando da columna amiga, que terá tempo de tomar uma decisão, transmittir-a e desenvolver a sua tropa para o combate. Supponhamos agora que a cavallaria que encontrou o inimigo em B só dispõe de pombos.

A cav. encontrou o inimigo tardiamente e, para cumprir a sua missão de segurança já não poderá desapparecer como no primeiro caso, mas terá de combater durante

32 — 30

60

horas, afim de dar tempo ao

commando, avisado tardiamente, de desenvolver os seus meios. No caso, esse lapso de tempo theoreti-co é apenas de 2 minutos, o que mostra ainda a vantagem do emprego dos pombos. Supponhamos finalmente que a cav. que encontrou o in. em B só dispõe de estafetas. E' a peior hypothese. Ella terá que combater neste caso durante

43 — 30

12

horas, ou seja 1 hora e pouco.

Entre A e B e á proporção que esta cav. encontra o in. mais perto de A, maior será o numero de horas que ella terá de combater para dar liberdade de accão ao commando, seja mantendo defensivamente um determinado corte do terreno, seja manobrando em retirada. A distancia A B de 30 Kms. deve ser o padrão para a cavallaria divisionaria (R. C. D.), que ha toda a vantagem em dotar de radio, pois a não ser que não haja cav. de Exercito na frente da Divisão (caso em que o R. C. D. poderá ser lançado em exploração muito para a frente ou agrupado em Destacamento com os R. C. D. das D. I. vizinhas), essa cav. não trabalha a mais de uma jornada da Divisão (30 ou 35 Kms). Si o R. C. D. não dispõe de radio, que o commando consciencioso o reforce com metralhadoras, si não quizer ter dôr de cabeça e trate de aumentar as medidas de segurança de sua columna. Em todos os casos X marca o limite posterior theorico da zona de vigilancia da cav. que

trabalha em proveito do commando. Assim orientado, o chefe sabe o que fazer de sua cav. Elle dirá, por exemplo, á sua cav. que só dispõe de estafetas que, si encontrar o in. antes de D, o combate; si encontral-o depois de D, que o informe apenas, digamos assim para raciocinar. **D E** é então a zona de vigilancia dessa cav., que disporá de um espaço **E D** para retardar o in. desde E até D. Si ella só dispõe de pombos, dir-lhe-á que combata antes de C e informe depois de C. **E C** é a sua zona de vigilancia e de retardamento, já maior que a primeira, facultando a manobra em retirada desde E até C. Finalmente, si dispõe de radio, as condições de segurança do commando são as mais folgadas possíveis, pois a cav. poderá retardar o in. desde E até B, informando desde E, quando, de B, já daria segurança ao commando. São evidentes portanto as reações dos meios de transmissões sobre a conducta do commando e da tropa, havendo a máxima conveniencia em dotar a cav. de meios rápidos, principalmente os destacamentos de descoberta (aliás é a regra theorica). Agora vejamos a situação real da nossa historica cavallaria. Em artigo publicado na "Defesa Nacional" o Cap. Rorim, defendendo a idéa dos pombos correios, preconiza-lhes o emprego porque os corpos de nossa cavallaria não dispõem de postos radios apropriados ás suas necessidades e mesmo por nunca ter sido visto num esquadrão um posto radio montado numa viatura. Em outro artigo o Cap. Adalberto Santos, entusiasmado, narra, lá de Sant'Anna, a successo de uma experincia de destacamento de descoberta que fez, tendo os pombos como meio de transmissão e termina se debatendo para encarecer as vantagens do emprego desse meio, cada regimento de cavallaria já devendo ter o seu pombal. São dois batalhadores que honram a cavallaria. Urge acabar com essa situação e modificar a nossa mentalidade, dotando a briosa cavallaria brasileira com os meios de transmissões que lhe são adequados e deixando de parte, uma vez por todas, o preconceito contra os pombos, que

a Argentina cria aos milhares, como se viu por occasião da visita de nosso presidente a Buenos Ayres. Não atiro minhas recriminações ao Exercito, pelo não solvimento desse problema, pois elle o tem procurado solucionar. Uma commissão de distintos officiaes de Engenharia esteve nos Estados Unidos estudando a organisação das fabricas de material de transmissão desse paiz, com o fito de se fundar identica fabrica para o nosso Exercito, aqui no Rio. Essa commissão se desempenhou brilhantemente de sua incumbencia, trazendo planos e projectos completos mas... a fabrica não foi aberta até hoje por falta de verba. Em quanto esperas sentado a verba, escuta o que te digo ao ouvido, baixinho, cavalleriano amigo e valente da minha terra: "Exercita-te bem no tiro de metralhadora, reforça as tuas munições, pendura mais xarque no pescoço de teu rossinante, dobra a ração de teu cavallo estafeta e treina o pulso nos teus elegantes molinetes de lança e espada, pois terás que "pelear" a valer no caso em que o nosso Exercito se empenhe numa guerra Sul Americana". A cavallaria brasileira, pelo seu papel na batalha, pelas suas tradicções, e pela superioridade de seus quadros é digna de melhor sorte.

SECÇÃO DE ARTILHARIA

Redactor: DJALMA D. RIBEIRO
Auxiliar: PEDRO GERALDO

O FUTURO REGULAMENTO DE TIRO DE ARTILHARIA

Apresentamos ao exame de nossos leitores um dos mais interessantes capítulos do nosso futuro estatuto.

Outros, de igual importancia, serão publicados nesta secção, nos numeros que se vão succeder.

Com essa divulgação antecipada, desejam os nossos distintos camaradas encarregados de elaborar o regulamento de tiro, obter dos collegas sugestões para o trabalho que realizam.

TIROS DE ARTILHARIA

1 — A artilharia emprehende a destruição ou a neutralização.

2 — Contra obstáculos materiaes (fixos) que se opõem directa ou indirectamente á acção da infantaria, procura ella uma destruição completa contra objectivos moveis (em movimento ou não), tenta uma destruição brutal, sumita e tão completa quanto possível.

3 — Quando as circunstâncias não permittirem a destruição (necessidade de agir por surpresa, consumo exagerado de munição, dificuldades de observação, etc.) a artilharia procura impedir ao inimigo o cumprimento de suas missões. Esforça-se em paralisal-o, pelo menos, momentaneamente. Tal acção se denomina, neutralização.

TIROS DE DESTRUIÇÃO

4 — Os tiros de destruição de objectos fixos apresentam as seguintes características:

1.º — Ajustamento perfeito, obtido por uma regulação ou um trasporte de tiro executado em condições especiaes.

2.º — Manutenção do ajustamento durante a ef-

ficacia, pela observação constante ou por confrontos periódicos.

3.º — Pequenas dimensões dos objectivos e um desvio provável menor que 50 metros.

São objectivos fixos susceptíveis de destruição:

— Baterias.

— Obras d'arte.

— Balões de observação.

5 — Os tiros de destruição de objectivo móveis apresentam as seguintes características:

1.º — Necessidade de uma organização previa do tiro.

2.º Proscrição das regulações;

3.º — Eficácia accentuada desde o inicio.

4.º — Execução rápida.

São objectivos susceptíveis de destruição:

— Os fugazes (que podem escapar, rapidamente, aos efeitos do tiro).

— Os de menor mobilidade (carros de combate, columnas de viaturas, etc.).

TIROS DE NEUTRALISAÇÃO

6 — Com os tiros de neutralização procura-se impedir ou, pelo menos, dificultar ao inimigo, no momento opportuno:

— o emprego dos seus meios de acção (armas, observatórios, postos de comando, etc.);

— sua permanência em determinadas zonas do terreno;

— seus deslocamentos;

O que se consegue pelo abatimento do seu moral, obtido especialmente: pela surpresa, pela violência do tiro, pela constatação de perdas e por alguns efeitos incidentes de destruição material.

7 — Os tiros de neutralização (de emprego muito mais corrente que os de destruição), apresentam as seguintes características:

— convivência da acção de surpresa;

— não existência de um ajustamento perfeito;

— eficácia por uma única acção violenta con-

titnua e de pouca duração ou por uma serie de acções violentas, curtas e irregulares, entremeadas ou não de acção lentas.

8 — São tiros de neutralisação (classificados por suas finalidades) :

Defensiva	Fogos presos á execução do ataque.	} Contra-preparação <div style="display: inline-block; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px; margin-left: 10px;"> — Bombardeio — Contra-bateria geralmente neutralização). </div>
		Deter. <div style="display: inline-block; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px; margin-left: 10px;"> — Barragem fixa — Varrer — Bombardeios — Interdicções — Cegar </div>
Correntes	Fogos independentes da hora do ataque.	} Correntes <div style="display: inline-block; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px; margin-left: 10px;"> — Destruição </div>
		<div style="display: inline-block; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px; margin-left: 10px;"> — Interdicção </div> <div style="display: inline-block; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px; margin-left: 10px;"> { <div style="display: inline-block; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px; margin-left: 10px;"> Objectivos fugazes </div> <div style="display: inline-block; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px; margin-left: 10px;"> Objectivos fixos (geralmente contra-bateria). </div> </div> <div style="display: inline-block; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px; margin-left: 10px;"> total </div> <div style="display: inline-block; border-left: 1px solid black; padding-left: 5px; margin-left: 10px;"> parcial </div>

Offensiva	Fogos de preparação	— Destruição — Cegar — Contra-bateria (neutralisação).
	Fogos de acompanhamento do ataque	— Bombardeios — Barragem rolante — Varrer.
	Fogos de protecção. Fogos de acompanhamento	— Bombardeios — Cegar — Contra-bateria (neutralisação). — Interdições — Destruição de objectivos moveis.

CAPITULO

FOGOS DE ARTILHARIA

1 — Denomina-se **Fogo** o conjunto de tiros executados co muma idéa tactica perfeitamente definida.

São fogos da **defensiva** os de Contra-preparação, Detter e Correntes.

Os dois primeiros prendem-se á execução do ataque inimigo; o ultimo lhe é independente.

São fogos da **offensiva** os de Preparação, Acompanhamento do Ataque e Protecção.

I — FOGOS DE CONTRA-PREPARAÇÃO

2 — Os fogos de contra-preparação têm por fim desorganizar o dispositivo de ataque do adversário, antes de sua irrupção, afim de fazer abortar esse ataque.

3 — Os fogos de contra-preparação são executados sobre pontos da zona inimiga que se sabe ou supõe ocupados pelos elementos indispensaveis ao ataque.

São objectivos da contra-preparação o pessoal reunido para o ataque, as bases de fogo, certos pontos sensíveis da posição inimiga (locaes de reunião das reservas, postos de commando, pontos de passagem obrigatorios, etc.), algumas baterias adversas.

Os objectivos, modalidades e condições de desencadeamento desses fogos, são fixados pelo commando (1).

4 — Os fogos de contra-preparação podem compreender os seguintes tiros:

- Bombardeios
- Interdição.
- Certas destruições.
- Contra bateria (normalmente neutralisação).

(1) — Só o commando pode sentir a oportunidade do desencadeamento da contra-preparação, uma vez que a elle vão chegar todas as informações.

O desencadeamento prematuro desse fogo, além do consumo inutil de grande quantidade de munição, revelará ao adversário, o dispositivo da artilharia da defesa.

II — FOGOS DE DETER

5 — Os fogos de deter têm por fim quebrar e dissolver o ataque inimigo, após sua irrupção, nas partes do terreno onde é applicado e impedir a intervenção das suas reservas.

6 — Os fogos de deter devem crear uma zona de tiros profunda, na frente e o mais proximo possivel da tropa inimiga; devem além disso, bater certos pontos sensíveis da posição inimiga (zonas de abrigos, cruzamentos de trincheiras, postos de commando, bosque, contra-vertentos, depressões, pontos de passagem obrigatoria).

O fogo de deter mais efficaz é o constituido pela barragem continua de fogos creada pela infantaria. Normalmente a artilharia a reforça sobre pontos essencias ou mal batidos pelas armas da infantaria (barragem fixa). Mantem-se, além disso, em condições de substituir em certas partes, a barragem das armas automaticas, si o fogo inimigo houver conseguido enfraquecel-a ou suprimil-a.

Os fogos de deter da artilharia devem em *quaesquer* circunstancias desencadear-se no menor tempo possivel (1). São executados pelo 75,105C e pela artilharia pesada,

7 — Os fogos de deter comprehendem, sempre, os tiros de barragem fixa ,executados pela artilharia de 75.

Podem comprehender, além da barragem, os seguintes tiros:

- Varrer
- Bombardeios
- Interdição.
- Cegar.

III — FOGOS CORRENTES

8 — Os fogos correntes têm por fim prejudicar o inimigo, difficultando-lhe a vida e causando-lhe perdas, destruir baterias que tenham sido bem localizadas, desorientar as investigações inimigas.

9 — Os fogos correntes fazem parte de um programa estabelecido pelo commando. Comprehendem os seguintes tiros:

- Contra objectivos fugazes.
- Contra-bateria (destruição).
- Inquietação (2).

IV — FOGOS DE PREPARAÇÃO

10 — Os fogos de preparação têm por fim reduzir no maximo as probalidades de resistencia do inimigo, permitindo á infantaria atacante atingir, com o minimo de perdas, os seus objectivos.

11 — Os fogos de preparação têm sua duração independente do tempo necessario á execução das destruições previstas e das neutralisações julgadas indispensaveis;

da quantidade de artilharia e das munições disponíveis; do tempo necessário para a infantaria progredir da base de partida até o limite curto dos tiros de artilharia. O desencadeamento do fogo de preparação é determinado pelo comando.

São seus objectivos os obstáculos que possam prejudicar a progressão da infantaria, as baterias inimigas, os observatórios.

12 — Os fogos de preparação comprehendem os tiros de:

- Destruição de objectivos fixos.
- Cegar.
- Contra-bateria (neutralização).

V FOGOS DE ACOMPANHAMENTO DO ATAQUE

13 — Os fogos de acompanhamento do ataque têm por fim neutralizar, a partir do momento em que o ataque irrompe, os órgãos de fogo inimigo espalhados, quer no próprio terreno que o ataque deverá percorrer, quer nas suas vizinhanças.

14 — Os fogos de acompanhamento devem permitir que a infantaria aborde o inimigo antes que elle se possa restabelecer para utilizar efficazmente suas armas.

15 — O acompanhamento pode ser feito por meio dos seguintes tiros:

- Barragem rolante, tornada profunda pela realização simultânea de um tiro de varrer.
 - Bombardeios (realizados sucessivamente).
 - Combinação desse dois tiros.
-

(1) — Compete ao comando a escolha das partes onde devam ser executados os tiros dos fogos de deter. Os fogos de deter são desencadeados a pedido da infantaria 1.º de escalão, unica que sente a actuação imediata do inimigo e, portanto, a oportunidade do seu desencadeamento.

(2) — Os dois primeiros executam normalmente de dia, os dois últimos de noite, convindo notar que o tiro de inquieto exige menor consumo de munições que o da interdição. Esses tiros são feitos, em princípio, de posições diferentes das de combate.

VI — FOGOS DE PROTECÇÃO

16 — Os fogos de protecção têm por fim neutralizar, no momento opportuno, os orgãos de fogo inimigos (metralhadoras, canhões de pequeno calibre, petrechos, baterias), capazes de agir contra a infantaria e que, por sua localisação afastada ou nos flancos, não sejam alcançados pelos fogos de acompanhamento do ataque; bater as regiões prováveis de reunião dos contra-ataques, os caminhamentos, etc.; e os objectivos moveis que surgirem.

Os fogos de protecção prolongam a acção dos fogos de acompanhamento do ataque.

17 — Os fogos de protecção podem compreender os tiros:

- Bombardeiros.
- Cegar.
- Contra-bateria (neutralização).
- Interdição.
- Inquietação.
- Destruição de objectivos moveis (fugazes, carros de combate).

SECÇÃO DE ENGENHARIA

Redactor: LIMA FIGUEIRÉDO
Auxiliar: BETTAMIO

ARMA DE ENGENHARIA

CEL. LUIZ GONZAGA BORGES FORTES

A actual numeração dos Batalhões de Engenharia tem ocasionado certa confusão e dificuldade para saber-se promptamente qual a especialidade de determinado Batalhão ou, doutra forma, o Batalhão de tal numero — é da especialidade tal.

As designações actuaes são as seguintes:

1. ^º	Btl. de Transmissões	Villa Militar
1. ^º	" Montado de Transmissões	Rosario — R. G. Sul
1. ^º	" de Pontoneiros	Itajubá — Minas
1. ^º	" Sapadores	Curyba — Paraná
1. ^º	" Ferro-viario	Jaguary — R. G. Sul
2. ^º	" de Pontoneiros	Cachoeira — R. G. Sul
2. ^º	" Sapadores	São Paulo
3. ^º	" "	Vaccaria — R. G. Sul
4. ^º	" "	Aquidauana — M. Grosso

onde se conclue que ha:

5 primeiros batalhões;

2 segundos batalhões, etc.

A denominação de Engenharia — como arma desapareceu para ficar sómente a denominação da especialidade.

E' evidente pois a dificuldade acima citada.

Para corrigil-a eu lembraria a conveniencia de chamar a todas ás unidades — Batalhões de Engenharia — e dar-lhes numeração seguida convencionando-se o seguinte:

Os batalhões de Transmissões seriam numerados seguidamente de 1 a 9; os batalhões de Pontoneiros seriam numerados de 11, 12, 13, etc., até 19 inclusive; os bata-

Batalhões de Sapadores seriam numerados 21.^º — 22.^º — 23.^º, etc.; até 29 inclusive e os batalhões Ferro-Viarios seriam numerados 16.^º — 20.^º — 3.^º, etc.

Assim os numeros simples representariam Transmissões; — os da 1.^a dezena (10 exclusive) representariam Pontoneiros; os da 2.^a dezena — Sapadores.

Os Batalhões que tomassem os numeros significativos, seguidos de zero seriam os Ferro-Viarios — (1.^º — 20.^º — 30.^º, etc.).

Estava assim feita rapidamente a distincão da especialidade e mantinha-se a denominação de arma de Engenharia.

A primeira vista poderia impressionar que, a um pequeno numero de Batalhões corresponesse numeração tão elevada, porém, taes numeros não alteram a organização da arma nem produzem augmento de effectivos ou despeza.

Esta maneira de designar as trópas de Engenharia não constitue mesmo novidade pois ella é adoptada no Exército Francez, como se poderá verificar do livro Manuel du Gradé du Genie 1931, pagina 28.

Outra vantagem que decorre consiste em evitar a complicação que ha de dar á unidades novas numeros de unidades já extintas — ou de trocarem as unidades os numeros entre si.

Deste facto tem-se originado grandes dificuldades para se reconstituir o historico de certos Corpos — pois que tem havido no Brasil varios 1.^º Batalhões de Infantaria, varios 14.^º Regimentos de Infantaria, varios 1.^º Regimentos de Artilharia, etc. e encontrar hoje os fundamentos de determinada unidade é problema quasi tão difficult como resolver a quadratura do circulo.

Assim a numeração que proponho para a Engenharia poderia ser adoptada nas demais armas e, a medida que fossem sendo creadas novas unidades, tomariam novos numeros — sem jámais repetil-os.

SEÇÃO DE TRANSMISSÕES

Redactor: B. GALHARDO

AS TRANSMISSÕES

Cap. PEIXOTO

MEMENTO :

- A) **Historico**
- B) **Ligaçāo pela vista**
- C) **Ligaçāo pelo contacto pessoal**
- D) **Ligaçāo pelos agentes de ligação**
- E) **Ligaçāo pelos destacamentos de ligação**
- F) **Estudo descriptivo dos meios de transmissões:**
 - I) **TELEPHONIA COM FIO** (Conferencia especial)
 - II) **TELEGRAPHIA COM FIO:**
 - 1º) **Emprego**
 - 2º) **Vantagens**
 - 3º) **Inconvenientes**
 - 4º) **Alcance**
 - 5º) **Rendimento**
 - III) **TELEGRAPHIA SEM FIO** — (Conferencia especial)
 - IV) **TELEPHONIA SEM FIO**
 - 1º) **Emprego**
 - 2º) **Vantagens**
 - 3º) **Inconvenientes**
 - 4º) **Alcance**
 - 5º) **Rendimento**
 - V) **T. P. S.**
 - 1º) **Emprego**
 - 2º) **Vantagens**
 - 3º) **Inconvenientes**
 - 4º) **Alcance**
 - 5º) **Rendimento**

A) **Preambulo historico —**

Desde os primordios da humanidade o homem foi obrigado a se comunicar com seus semelhantes.

A principio, utilisou a linguagem falada e a mimica, e depois a linguagem escripta.

Estes meios, porém, tinham alcance reduzido e não bastaram ao homem de então:

Entretanto, a propria natureza tinha-lhe sido prodiga. Bastava que elle aperfeiçoasse o sistema emissor-receptor: — larynge — ouvido, ou melhor, applicasse o sistema a outras formas da energia, para que ella chegasse á maravilha do seculo: T. S. F.

E, assim, fez o homem. Porem, fê-lo lentamente.

Polybios, escriptor militar grego, já 150 annos antes de Christo, utilisava dois grupos de cinco tochas; um grupo á direita, que indicava o grupo a que a letra pertencia; o outro grupo á esquerda, e cujo numero de tochas accesas indicava a posição de letra no grupo

Para isto, dividiu o alphabeto em 5 grups de letras.

Na antiguidade classica, os egypcios, os gregos, os romanos e outros povos, empregaram, não só o fogo e a voz, como os ruidos violentos, a fumaça, armas, bandeiras, etc.

E, utilisou, então, signaes opticos e acusticos.

Na sua ansia incontida, continuou pela estrada do progresso. E temos o telegrapho mechanico de Chiappe.

Seguiu-se Lescurre, com a telegraphia optica, ainda hoje usada.

Em seguida surge Samuel Morse (1832) com seu telegrapho Morse, electrico, ainda hoje empregado, embora aperfeiçoadio.

E por muito tempo viveu a humanidade sem suspeitar que todas as fórmas da energia se propagam por ondulações: o som, a luz, a electricidade (alta frequencia) etc.

E' uma diferença, em ultima analyse, do meio vibratorio, de frequencia e de velocidade de propagação

E, á medida que o homem foi caminhando na estrada infinita do progresso, outros meios de communicação foram surgindo.

Em 1876 Graham Bell descobre o telephone magnetico.

Em substituição ao telephone magnetico surgiu o telephone de microphone.

Em seguida, como consequencia das experiencias de Hertz, Maxwell, Branly, Tesla, Popoff, Marconi, etc., a T. S. F.

E, com a T. S. F. a radio telephonia e a televisão.

Feito este ligeiro retrospecto historico, desde a linguagem mimica e falada do tempo das caravanas e da pedra lascada, até a televisão, passemos ao estudo descriptivo dos meios de ligação e transmissões hoje usados.

B) Ligação pela vista —

A observação pela vista, durante a approximação como durante o combate, é o meio mais rápido e muitas vezes mais seguro de informar e de comprehendender o que se passa, tanto do proprio lado como do lado das forças vizinhas ou inimigas.

Deve ser empregada sempre que possível.

Quando as circumstancias permittirem, o posto de commando deve ser estabelecido nas proximidades immedias de um posto de observação. As observações ahi efectuadas serão completadas pelas de observadores munidos de meios de transmissões e destacados pelo chefe em outros observatorios convenientemente escolhidos.

C) Ligação pelo contacto pessoal —

O contacto pessoal deve ser utilizado sempre que possível, por ser o melhor meio de attingir o fim moral procurado pela ligação.

Todavia, em uma grande unidade engajada, o contacto pessoal pode apresentar, conforme as circumstancias, certos inconvenientes, visto como o chefe se affasta de seu P. C. e fica, assim, momentaneamente, privado dos meios de transmissões indispensaveis ao exercicio do commando.

Todas as vezes que a situação permittir, deve-se juxtar ao posto de commando de uma unidade de infantaria o da unidade de artilharia encarregada de apoial-a, afim de facilitar o contacto pessoal.

D) Agentes de ligação —

São empregados, principalmente, durante o combate. Suas missões são temporarias, bem definidas e de duração variável.

O commando de cada Grande Unidade destaca, todas as vezes em que houver necessidade, officiaes de seu Estado Maior, como agentes de ligação junto ás unidades subordinadas. Si não dispuser, porem, de numero sufficiente de officiaes do Estado Maior, pôde designar para agente de ligação junto a uma unidade um official dessa mesma unidade.

A partir do escalão regimento, inclusive, é a unidade subordinada que envia um agente de ligação á unidade superior.

Igualmente cada unidade destaca agentes de ligação junto ás unidades vizinhas.

O agente de ligação é acompanhado, conforme a menor ou maior duração da missão, de um ou mais agentes de transmissões.

Os agentes de ligação devem ser cuidadosamente escolhidos, pois lhes cabe julgar uma situação e informar sobre o desenvolvimento das operações.

Em virtude das dificuldades que apresentam, das responsabilidades que conferem e da autoridade que reclamam, as missões de ligação devem ser, em princípio, confiadas somente a officiaes.

Na falta destes e unicamente no interior das unidades, é possivel empregar graduados, desde que saibam apreciar uma situação, reter uma explicação e redigir relatórios.

E) Destacamentos de ligação —

Temos dois casos a considerar:

1º) Entre duas armas, das quaes uma apoia a outra.

— O destacamento de ligação é sempre fornecido pela arma que apoia.

Este destacamento é, em principio, commandado por um official, o qual informa o chefe que o enviou sobre as

necessidades e pedidos da unidade apoiada e esclarece o chefe junto ao qual foi colocado sobre o apoio que lhe pôde ser prestado.

Disporá de um pessoal de transmissões dotado de material apropriado.

2º) Entre unidades vizinhas — de infantaria ou de cavalaria, que combatem a pé — são destacadas flanco-guardas de ligação, cuja missão é preencher o vazio que se venha a produzir entre elas.

O commando determina a composição desses destacamentos e as unidades que fornecem seus elementos.

F) Estudo descriptivo dos meios de transmissões —

I) Telephonia com fio —

Este assumpto será objecto de conferencia especial.

II) Telegraphia com fio —

1º) Emprego — A telegraphia com fio tem essencialmente por objectivo satisfazer ás necessidades das grandes unidades e constitue na retaguarda da zona de combate a ossatura fundamental do systema de transmissões.

Na frente (a partir do escalão divisão) não se faz uso da telegraphia com fio, salvo excepcionalmente, quando se utilizam linhas já existentes, e houver ordem para tal fim.

2º) Vantagens —

a) Tem maior rendimento ainda que o telephone (possibilidade de utilizar a mesma linha para varias transmissões simultaneas).

b) Discreção.

c) Permite organizar archivos.

d) Pode ser utilisado sem exigir linhas especiaes (apropriação de linhas telephonicas).

3º) Inconvenientes —

- a) Difficil preparo dos operadores;
- b) Material muito pesado;
- c) Exige maior cuidado na construcção das linhas do que a telephonía com fio.

4º Alcance — Praticamente illimitado.

5º Rendimento:

400 palavras de 5 signaes por hora (apparelhos communs).

9000 palavras de 5 signaes por hora (apparelhos especiaes).

Nota — As linhas telegraphicas são habitualmente colocadas sobre os mesmos supports dos circuitos telephonicos.

III) Telegraphia sem fio

Este assumpto será objecto de conferencia especial.

IV Telephonía sem fio

1º Emprego — Permitte, á semelhança do telephone com fio, a troca de phonogrammas e a conversação.

Não tem, ainda, no nosso exercito, emprego generalizado. Suas applicações ficam ao criterio do chefe, diz o reg. 84.

Nota — No exercito frances fazem-se actualmente experiencias com postes de radiotelephonía para ligação batalhão — companhia!

2º Vantagens —

- a) As mesmas da telegraphia sem fio.
- b) Não exige o conhecimento do alphabeto Morse.

3º Inconvenientes —

- a) Os mesmos da telegraphia sem fio.

Esses inconvenientes apresentam-se ainda sob respecto mais grave.

b) A transmissão de textos cifrados por este meio dá margem a muitos erros de interpretação.

c) Alcance mais reduzido que a T. S. F.

4º) **Alcance** — Variável com a potência dos aparelhos de emissão e a sensibilidade dos receptores.

5º) **Rendimento** — Inferior ao da telegraphia sem fio.

V) T. P. S.

A T. P. S. envelheceu. O próprio Reg. para a org. da lig. e das trans. em campanha não trata deste meio. E' aqui dado o título de ilustração.

1º) **Emprego** — Ligação R. I. — Btl.

2º) **Vantagens** —

a) Grande simplicidade de emprego.

b) Facilidade no preparo dos homens que lidam com este meio.

c) Quasi invulnerável, pois, pode ser instalado em abrigo.

d) Emite som audível (frequência musical — 300 a 800 por segundo).

3º) **Inconvenientes** —

a) Indiscreção, tal como para a T. S. F., exigindo ci-
fração.

b) Fraco alcance, que varia muito com o terreno.

c) Necessidade de transportar acumuladores pesados.

4º) **Alcance** — 2 kms. a 2,5 kms. no máximo.

5º) **Rendimento**

SEÇÃO DE ESTUDOS SOCIAIS

Redactor: A. F. CORREIA LIMA

NACIONALISMO E COMMUNISMO

Conferencia realizada na Liga de Defesa Nacional em 1º de Julho de 1936.

CARLOS MAUL

No meu ultimo livro "Nacionalismo e Communismo" eu procuro definir a situação em que se encontra o Brasil deante dos perigos que o salteam, cercando-o por todos os lados, accomettendo a sua estructura social e os alicerces da sua civilização. Nesse trabalho não me escaparam á analyse os phenomenos explicativos da anarquia moral e mental que nos affronta, que tenta a derrocada de conquistas seculares, e nos põe em risco de cahir no torvelinho de ideologias importadas de climas antipodas do nosso e de fontes impuras.

Explicando o titulo e o thema dessa obra eu escrevi:—

— "Para impedir as actividades ostensivas ou encobertas do comunismo é mister affrontal-o com o seu primeiro inimigo: o nacionalismo. Sobram-no recursos para evidenciar a fragilidade da doutrina marxista em qualquer das suas aplicaçoes. O que importa, porém, não é estabelecer confrontos entre a inferioridade do dogma revolucionario de 48, os seus equivocos e embustes no terreno economico, e a superioridade do liberalismo cujos fructos a civilização vem colhendo desde o alvorecer do seculo XIX, e sim revelar os processos empregados para a destruição da sociedade actual e inutilizal-os.

Que o nacionalismo é o adversario mais serio e mais perigoso do marxismo, prova-o o falso nacionalismo que a Terceira Internacional procura disseminar como meio de captação de adeptos nos paizes novos cuja população ainda se conserva fóra do contagio dos germens dissolventes e possue um profundo sentimento patriotico. Entre nós já se tem manifestado essa modalidade de penetração do bol-

chevismo, não só na politica, como nas artes e até na musica em que se confundem canções vermelhas com cantos indigenas.

Onde quer que se apresentem pontos de vista authenticamente nacionaes não faltam as corrupletas, as manobras desfiguradoras para estabelecer a balburdia nos espiritos. Por isso qualquer emprehendimento visando levantar a Patria encontra sempre embargos subrepticios dos agentes do cosmopolitisme, muitos delles sob a mascara verde-amarella. Da constatação desse aspecto se deprehende a importancia que teria nesta hora uma força nacionalizadora dynamica, de linhas rigidas, impermeavel ao ingresso de quem não pudesse apresentar uma folha corrida limpa em materia de brasiliade.

Os modelos e os exemplos são numerosos no resto do mundo, e todos dignos de imitação porque se adaptam a qualquer systema de governo. Na Itália o nacionalismo anniquilou a desordem communista no nascedouro; na Alemanha foi tambem o nacionalismo que salvou o paiz da anarchia, e em Portugal foi ainda o nacionalismo exasperado que evitou a ruina deu áquelle povo, trabahlando por tantas vissitudes energias sobrehumanas para lutar pela sua conservação e olhar o futuro com esperança e desassombro.

O caso portuguez é, nesse particular, digno de nota pelos traços suggestivos de que se reveste. Um recente decreto impõe o estudo da Historia como estimulo gerações moças, apontando-lhes a lição heroica dos avoengos como a unica a ser contemplada com sympathia, suscitadora de entusiasmo e forjadora de caracteres.

Nesse terreno tudo está por fazer no Brasil. A nossa unidade é quasi um milagre que devemos aproveitar ante que seja tarde para conserval-a em face das insidias do separatismo. Por outro lado, é indispensavel o emprego de todos os instrumentos de persuasão e de convicção que dêm ao homem brasileiro a certeza de que o Estado véla os seus destinos, assegura as suas liberdades, garante os seus direitos, facilita o seu progresso nas sciencias, nas artes, nas industrias, nas searas da intelligencia como na expressão do seu merito na luta material".

E' uma questão a desenvolver com exemplos e argu-

mentos, chamando a attenção dos brasileiros para os detalhes das emprezas cosmopolitas que suppõem ter descoberto no Brasil imprudente a cobaia americana para as experiencias de um credo que falhou no seu berço ha quasi um seculo e que preparou na Russia uma das mais monstruosas tyrannias da historia. Carecemos antes de mais de organizar a nossa defesa, com os nossos proprios recursos appellando para as nossas proprias reservas de energias civica encorajando-nos na nossa realidade, orientados no sentido de um patriotismo sem duvidas e sem receios, energico, afirmativo, vigilante.

Para a destruição, todas as armas são boas. Para o exito da immoralidade de um principio, os escrupulos não contam. Dahi o espectaculo a que vimos assistindo, de vinte annos para cá, da lenta infiltração de venenos do organismo nacional, amenisando-o, expondo-o á vaga dos elementos exoticos.

Era habito nosso, e pessimo habito, reduzir ao minimo a importancia da accão corrosiva de certos germens, atribuindo-lhes um prestigio limitado sobre a extenção do campo brasileiro. Esquecia-se que o microbio embora infinitamente pequeno, tem nas sociedades, nas suas influencias espirituais, o mesmo poder mortifero com que abate os individuos. E foi por comprehender essa displicencia que em dois decenios os artificiales do nosso desmoronamento puderam agir na sombra, com varios rotulos despistadores, e semearam aqui a descrença, ali a desconfiança, mais além o descredito, o achincalhe aos numerosos tutelares da Patria, o desconceito da autoridade, a duvida na integridade das instituições, a burla á intelligencia das leis, em summa, despertaram nos incultos e nos incautos o proposito do vilipendio do regimen democratico

São inumeros os problemas suscitados pela esperteza dos agentes da confusão para abrir no corpo do Brasil as brechas por onde teriam de penetrar as aventuras definitivas do seu anniquilamento. Examinemos alguns casos typicos que isolados parecem insignificantes. Pacifismo é um delles, e nesse particular não me falta isenção para uma critica severa porque já fui ferido nas minhas convicções

pelos conceitos unilateraes das campanhas antimilitaristas desencadeadas em nossa terra.

Colocado no angulo da fraternidade universal, ninguem desconhece que seria util aos povos a paz perpetua, a ausencia dos apparelhos bellicos. A verdade, porém, é que nós não temos o direito de realizar esse sonho sosinhos, quando á nossa volta todos se armam, todos amparam aos engenhos de guerra a sua tranquillidade domestica.

A França socialista de agora, pela voz do seu ministro dos Negocios Estrangeiros dirige á Alemanha, adversaria secular, uma palavra de concordia, allude á oportunidade do momento para uma approximação effectiva e fixa nestes termos eloquentes a sua idéa de desarmamento:

"A França não se desarmará enquanto os outros paizes não fizerem o mesmo. A posição do governo a favor da segurança collectiva não provocaria o desprezo da segurança nacional".

Essa declaração é de tres dias atraz e serve como uma luva para responder aos que pregam o desarme, aos que estimulam a depreciação das classes armadas. Ella vale muito porque vem da França onde nesta hora se processam tentativas de socialisação com os partidos denominados de "esquerda" colligados na direcção do Estado.

Nos Estados Unidos, modelo de democracia moderna, padrão no que respeita ao exercicio do suffragio, centro de cultura e de emprehendimentos audaciosos em todos os sectores da industria humana, a linguagem dos estadistas é identica. O Partido Democratico assim se exprime na sua plataforma:

"Continuaremos a estender a politica de boa vizinhança, reafirmaremos a oposição á guerra como instrumento de politica nacional, declaramos que as questões internacionaes devem ser solucionadas por meios pacificos e continuaremos a observar a verdadeira neutralidade em questões entre outras potencias; estaremos preparados de um modo resoluto para resistir á aggressão, a trabalhar pela paz, a tirar proveito dos ensinamentos da guerra evitando que o paiz seja arrastado por compromissos politicos, bancarios ou commerciaes a participar de qualquer que deflagre em qualquer parte".

A esses postulados o importante documento accrescenta: "Estamos dispostos a offerecer igual opposição ao despotismo, ao comunismo, e ás ameaças de fascismo dissimulado".

E' a democracia representativa que se defende defendendo simultaneamente a nacionalidade. Aliás, nesse terreno a situação dos Estados Unidos não differe da nossa no que respeita á tenacidade dos thermitas na sua faina subterranea. Recentemente a senhora Virginia E. Jenckes, representante do 6º districto de Indiana no Congresso Norte Americano revelava esta cousa espantosa: a existencia de trezentas escolas communistas nos Estados Unidos. A Comissão de Educação do districto de Columbia autorizára o curso de comunismo, exercido por communistas. Descrevendo esse disparate da Comissão diz aquella senhora: — "Esse estado de cousas existe em muitas cidades do paiz. Quando se determina a abertura de um inquerito a esse respeito, como se deu na Capital do paiz, surgem protestos allegando-se que se attenta com isso, contra a liberdade de imprensa e a livre manifestação do pensamento. Essa accusação faz parte da intelligente propaganda usada pelos communistas na sua tentativa de implantar seu credo entre nosso povo.

Um dos chefes desse metodo de confusionismo é a União Americana dos Direitos Civicos. Muitas pessoas bem intencionadas, e até mesmo muitos jornaes, admittem essa organização fiados no seu rotulo de defensora das liberdades publicas.

Uma commissão de congressistas apurou que noventa por cento de sua actividade é comunista. Seu chefe, Roger M. Baldwin, sustenta ser direito dos americanos e dos estrangeiros usar da força e da violencia para derubar o governo.

Devemos esclarecer e entender o melhor que pudermos as manobras escusas do plano de ensinar á mocidade das escolas idéas radicaes, preparatorias de ulteriores instruções francamente revolucionarias. Começa a se tornar evidente que o cathecismo desse programma de radicalização dentro das escolas é um livro que tem o longo titulo de: "Conclusões e Recomendações; Relatorio da Com-

missão de Estudos Sociaes da Associação Historica Americana". Uma Sub-comissão do Congresso apurou como foi escripta essa obra. Financiada por uma dotação de duzentos mil dollars da Corporação Carnegie, uma comissão de dezeseis ou dezesete membros, auxiliados de vez em quando por varios outros, fez um estudo que se estendeu por um periodo de cinco annos.

Finalmente as "Conclusões e Recomendações", volume final, foram redigidas pelos professores radicaes George S. Count e Charles A. Beard. Criticas subsequentes condenaram o relatorio mas o volume permanece como programma de doutrinação. Seus autores affirmam ser dever dos professores para alcançar o poder preparar o espirito da mocidade para uma nova éra de collectivismo, afeiçoar as attitudes, desenvolver os textos e até impor ideias de modo que os alumnos se capacitem de que vivem em uma ordem social de firme integração, etc., etc.

Em resumo, marxismo.

"Como sempre acontece ao se examinar as actividades radicaes, apurou-se existirem ligações entre os educadores filiados á Universidade de Moscou, os membros da commissão responsavel pelas "Conclusões e Recomendações", e os technicos e consultores que organizaram a denominada educação do caracter em Washington".

Esse artigo desenha um estado de cousas norte americano, e mostra, como a inadvertencia permitti o desvio dos duzentos mil dollars da Corporação Carnegie para applical-os numa obra de lesa-Patria. Tudo o que ahi se informa parece escripto para o Brasil. Entre nós não faltaram os "Clubs de Cultura Moderna", as "Bibliothecas de Estudos Sociaes", "Os Centros de Educação da Juventude", mascaras de derrotismo a velar a tragica intenção de preparativos para o nosso naufragio nas ondas sovieticas. Nós vimos uma geração de creanças prohibidas de cantar o Hymno Nacional sob pretexto de que a maravilhosa partitura de Francisco Manoel não era orpheonica. Nós vimos essa infancia pousar os olhos candidos em paginas que pregavam o regionalismo, o separatismo, o odio entre irmãos, a xenolatria, o aviltamento do Brasil, a negação do passado, culminando em lóas á Russia bolchevique. A' sombra do

Estado as viboras distillavam peçonha no recesso das aulas, abusando de prerrogativas que lhes foram outorgadas para o levantamento das almas.

A liberdade de cathedra que a Constituição concedeu explicitamente "dentro do espirito brasileiro" foi desvirtuada servindo á tribunos e demagogos para apunhalar a Patria e a Republica pelas costas.

Como foi interpretada essa liberdade? Immediatamente como arma de dissolução do espirito brasileiro. Praticou-se aqui, com desassombro impressionante, mais do que se pretendeu em França em 1904, e recebeu a condenação inapelável dos governantes e dos homens cultos da época Gustavo Lanson, num opusculo sobre "O ensino e a politica" assim fulmina a desfiguração do magisterio: "Os membros da Universidade são educadores. A esse titulo elles devem exemplos, e não apenas palavras, á juventude. Elles não se podem permittir, portanto, o que os costumes politicos, que são maus entre nós como alhures, parecem permittir. Elles serão profissionalmente culpados se lhes faltarem o tacto, a justa medida, a polidez; se praticarem a injuria, a diffamação, a calumnia; se se entregrem á violências de linguagem. Elles serão culpados tambem se envolverem de correção mundana e de delicadeza academica o equivoco, o sophisma a insinuação perfida. Ha maneiras de ser moderado que degredam o educador".

E Lanson conclue: "A Universidade tem por função educar a mocidade. Ella deve adaptar-se seguramente ás condições geraes da democracia em que essa mocidade viverá".

Está ahi claro um pensamento director da nossa politica pedagogica: a educação para a democracia. Educação equidistante de credos e de partidos. Um mestre tem a obrigação estricta de forjar caracteres, de despertar e animar convicções, de crear uma noção de patria, mas não tem nem pode ter liberdade de destruir num cerebro adolescente ideias puras trazidas da atmosphera da familia e que representam a continuidade da nação.

Ao procurar a therapeutica, é necessario caracterisar as causas deformantes do espirito nacional em conflicto com o espirito alienigena.

Ha um colonialismo empedernido que se preserva da absorção nos meios immigrados. Para attender a exigencias economicas e dispondo de um territorio opulento e vastissimo com população exigua, encontramos no braço importado a ajuda indispensavel á exploração intensiva do solo. Tinhamos no ouvido, como um refrão magico, de Alberdi, de que "governar é povoar". Uma phrase para interpretações e não um itinerario. E por não interpretá-la, arriscamo-nos a edificar uma civilisação carthaginesa, excessivamente materialista, com descuido dos aspectos mais profundos da nossa formação, desprezando mesmo a nossa materia prima humana solta ao Deus dará da vida contemplativa do interior, sem assistil-a com a preparação para as tarefas penosas e constructoras. Os "kystos ethnicos" tão atacados desde Sylvio Romero, não constituem por si sós o maior perigo. O problema não é propriamente de raças que se fundem ou de raças refractarias, porque não chegaremos ao ponto de diferença ethnicamente os brancos do norte dos do sul da Europa, que se diluem na massa brasileira. A questão é essencialmente politica, num sentido largo de organização social, e disso é que nos distraímos.

Em theoria clama-se contra o phenomeno. Praticamente, poucos obstaculos lhe são oppostos, e é facil constatação a nossa inercia. A escola extrangeira existe em todas as colonias domiciliadas no Brasil, satisfaz aos designios dos governos extrangeiros que se empenham em não perder não só o contacto com aquelles dos seus nacionaes que a luta pelo pão impelle a atravessar os mares, mas leva-os a procurar nas gerações novas nascidas em terra estranha um nexo moral, um factor de permanencia das virtudes paternas.

Zeballos, que foi um patriota argentino exemplar e arguto, no seu livro "La Nacionalité" estuda esse caso em suas multiplas formas, indica as medidas nacionalistas capazes de absorver o forasteiro, e sustenta o direito de ti-

rar-lhe o domínio sobre a prole. Contra o *jus sanguinis* do europeu o *jus soli* do americano.

Não só no Brasil, entretanto, é vítima da tenacidade alienígena infensa à sua plena autonomia. Os Estados Unidos com todo o seu potencial estão atentos ao trabalho de sapa que se desenvolve incessantemente no seio dos seus habitantes. Em 1914, alguns descendentes de ingleses endereçaram a Theodoro Roosevelt uma mensagem pedindo-lhe apoio para a ideia dos norte-americanos se chamarem anglo-americano. Roosevelt respondeu negativamente. Foi vivaz na sua contestação. Mostrou os Estados Unidos com gente de todas as procedências. A sua resposta foi categórica: — Elle não descendia de ingleses, nas suas veias corria sangue de alemão e sangue de flamengo, e elle não era alemão nem flamengo, era americano. "A America, eis a minha Mãe Patria, o meu raiz de origem, meu único paiz", exclamou. E concluiu que os Estados Unidos exigiam dos seus filhos fossem americanos e nada mais.

Calvin Coolidge, inaugurando um curso de Historia, não se ateve a protocolos para dizer que a historia dos Estados Unidos tinha de ser ensinada contra a Inglaterra. Pela boca desses homens de responsabilidades enormes falava o instinto de conservação da nacionalidade.

No nosso paiz os anti-nacionalistas repontam em todos os cantos, e até os que se nos afiguravam menos acessíveis às solicitações da terra longinqua no que se relaciona com a sua descendência, são aconselhados pela sua imprensa e pelos seus publicistas a educar os filhos brasileiros no culto de um patriotismo à distancia.

No "Diário de Lisboa" de 28 de Março de 1936 encontro esta nota de indole semelhante, nas suas subtilezas, à petição dirigida a Roosevelt:

"Os filhos de portuguezes no Brasil desnacionalisam-se com relativa facilidade. Se a grande maioria dos países fica fiel à tradição lusa e ao espírito da pátria, aos filhos isso só raras vezes acontece.

Ha tempos numa conferencia na "Voz do Operário" o senhor Nuno Simões ficou essa nota com discreta severidade. Num artigo de "1.º de Janeiro" o Dr. Nuno Simões escreve agora: "os portuguezes do Brasil sem recursos para

mandarem seus filhos a educar em Portugal, careciam realmente de ter, em um, senão em varios centros brasileiros, uma boa casa de educação, subordinada e cingida ás leis brasileiras do ensino, em que interviessem educadores portuguezes qualificados e em que se formasse, no amor do Brasil e de Portugal, o caracter dos filhos de portuguezes no Brasil natos e criados".

— : —

Combatamos com vigor essas propagandas. Supportá-las equivale a julgar-nos uma nação multipartida, com pedaços pertencentes a outros povos, o que significa que não seremos nunca nem brasileiros nem estrangeiros integros, mas um acampamento.

Acontece ainda que essas modalidades de desnacionalização proporcionam nesta altura, optimos recursos ao bolchevismo. Em quanto discutimos, como se estivessemos em Byzancio, ridiculos preconueitos de origem, em quanto a ideia de patria é relegada para um plano inferior, os apostolos vermelhos tomam posição para a offensiva. Elles colaboram em surdina na obra confusionista. Desfraldam bandeiras de todos os matizes seduzindo os inexperientes. Lançam o modernismo na arte e na litteratura, diffundem escriptos pornographicos, acanalham as figuras veneraveis que nos legaram lições de nobreza e de desprendimento, illudem, mantem, falseiam a verdade, para um dia, sobre o cadaver de uma nação estabelecer o imperio de uma horda que da Russia aspira avassalar o mundo.

Não devemos perder de vista especialmente os serviços que a litteratura obscena é chamada a prestar á penetração bolchevista. Os autores desses livros andam por ahi com a fama de notabilidades. Glorificam-se reciprocamente numa escandalosa barganha de louvores, illudindo a galeria. E a suggestão é ahi tão perigosa que um critico néo-catholico ao tratar da reincidencia de certo romancista "moderno" em fabricar novellas de fundo repulsiva, dedicalhe o seu folhetim dominguero e chega a estas conclusões cuja classificação prefiro deixar ao arbitrio dos que me ouvem:

"Ha nella, sem duvida, para o sentimento normal das coisas, muito elemento difícil de aceitar. A sexualidade absorvente, que domina do primeiro ao ultimmo volume, attingindo frequentemente á raia da pura immoralidade, não apenas sujeita a obra a um começo de condenação (e até a uma total repulsa, na hypothese de virmos a viver, no Brasil, periodos densos de ascetismo e pureza), como apresenta a realidade brasileira sob faces absolutamente deprimentes.

Por outro lado, as suggestões libertarias, que se insinuam, malgrado o autor, — que nunca abre clareiras para uma integral aceitação do sentido religioso da existencia, e, portanto, compelle a soluções terrenas e, porventura, violentas o problema do sofrimento dos humildes — são de molde a collocar os cinco volumes do romance entre as obras de influxo pernicioso.

Sobre tudo isso, porém, ha o explendor do espirito criador. Por mais, que, ideologicamente ou em defesa do pensamento moral tenhamos de reagir contra os germens deleterios da obra jamais poderemos esconder-lhe ou negar-lhe a pura faíscaçāo de beleza e, sobretudo, a sua exhuberancia de força, a pulsação de vida, que o artista soube infundir-lhe, dando ás nossas letras uma realização consideravel, inteiramente nossa, sem nada ficar devendo ás literaturas estrangeiras, — numa soberba afirmação de nossa definitiva autonomia na esphera difícil da criação novellistica".

Ao brasileiro ingenuo contam elles as lendas de milagres de prosperidade operados pelos thaumaturgos sanguisedentos de Moscou. E que milagres são esse? A desgraça. Deixemos, todavia, que se manifestem os sympathisantes do regimen russo. Elles têm bastante autoridade para depôr sobre o que encontraram no paiz onde um despotismo foi substituido por outro.

Panait Istrati é um comunista rumeno. Em sua patria foi campeão do sovietismo. Sacrificou-se em holocausto a Moscou. Esteve na Russia. E quando regressou, pouco antes de morrer escreveu: "Milhões de seres humanos que precisamente tudo criam pelo seu labor, são encerrados em infames pocilgas dignas da Edade Media, ou

abandonados aos azares do relento ou das intempéries. Os propagandistas da ienda sovietica não vêm isso".

Léa Reyserhore, outro comunista, assim traduz as suas impressões: "Nenhum conforto, nenhum repouso, nem um divertimento. Só privações e miséria. Eis a sorte do operario na Russia Sovietica".

Henry Beraud, socialista francez de destaque, pelo seu talento e pela sua cultura, de retorno da Russia publicou um livro: "O que eu vi em Moscou". Entrou cheio de boa vontade, saiu cheio de revolta. E em paginas edificantes fez um relato do seu desencanto.

Numa conversa com Kamenev, um dos chefes do governo, Beraud ouviu delle que os occidentaes não comprehendiam o sistema bolchevista. O escriptor francez respondeu:

— "Comprehendemola á maravilha. A Internacional tem por dever expandir no Occidente ideas antimilitaristas. O governo dos Soviets fuzila immediatamente quem quer que desrespeite os seus soldados do Exercito Vermelho".

Ao passo que os emissarios do Komintern minam a ordem dos outros paizes, desencadeiam a inquietação e provocam motins que impedem o trabalho fecundo, o governo dos Soviets que estipendia e orienta a agitação internacional, procura realizar dentro das suas fronteiras uma obra que lhe garanta a sobrevivencia. O que as gerações occientaes possuem de basico ou de modelar em materia de organização e de hierarchia, está sendo copiado. E nesse capitulo nem a familia escapou aos cuidados sovieticos, o que prova que nós continuamos muito certos no nosso sistema de vida e de ordem social. "La France Militaire" que é um diario de tradições e de respeitabilidade, assim commenta, em seu numero de 5 de Maio de 1936, transcrevendo-lhes os topicos e dispositivos mais importantes os decretos do Kremlin sobre a reorganização dos cossacos e sobre as familias das altas patentes militares:

A "Estrella Vermelha" expõe as novas instruções da direcção politica do Exercito no que se relaciona com as mulheres e as familias do pessoal de commando. A direcção observa que as esposas dos commandantes sahiram de camadas sociaes a que seus maridos pertenciam pelo nas-

cimento. Ora, esses maridos tiveram possibilidade de elevar a sua educação; muitos delles commandam regimentos, divisões. Suas mulieres com os encargos domesticos e ocupadas com os trabalhos da familia, permaneceram no mesmo nível antigo. Resulta d'ahi uma quantidade de conflitos nas famllias do pessoal de commando. Certos commandantes chegam á conclusão de que, para regularizar a sua vida pessoal, não ha senão um meio, que é o de se separarem das mulheres cuja cultura é muito atrasada.

Os directores politicos das unidades são convidados a prestar attenção a esses maridos e a explicar-lhes, o melhor possível que o pessoal de commando do Exercito em todos os seus postos deve dar o exemplo de solidez dos vinculos conjugaes e de uma vida de familia exemplar.

Todavia, não se pode deixar de reconhecer que entre as mulheres de commandantes se encontram frequentemente criaturas pouco letradas e pouco cultas. Em consequencia, os orgãos politicos tem obrigaçao de incluir no plano de instrucção geral das unidades de tropa o ensino ás mulheres do pessoal de commando. Os orgãos politicos devem comprehendêr o quanto importa, para o trabalho fructuoso do commandante e do chefe superior uma situação sá da vida de familia, quando a mulher é ao mesmo tempo um amigo e um camarada".

Essas instruções em relação aos militares são a applicação antecipada de medidas preconisadas pela commissão revisora das leis sobre o casamento e o divorcio, que a imprensa divulgou. O fim principal dessas regras é o de obter o aumento da natalidade. Ellas tornam mais difícil a ruptura dos casamentos. Os divorcios serão anotados nos passaportes e cada novo divorce será sobre carregado de impostos cada vez mais importantes. Está também projectada a proibição do aborto, a introdução do imposto sobre os celibatarios e cogita-se de estabelecer prémios para as famílias numerosas.

Os cossacos do tempo do Tzar foram dispersados. Agora, porém, segundo o relato documentado de "La France Militaire" o governo dos Soviets, considerando o seu apego ao novo regimen, resolveu restabelecer as divisões de cossacos do Don, de Kuban, e de outras regiões. Por esse mo-

tivo realizaram-se em maio deste anno grandes festas que duraoam tnes dias, constando de cantos, dansas e exercícios de equitação.

Mais um facto que é uma synthese, contado por Henry Beraud, no capitulo: "A bengala de Efimoff".

Leon Trotsky, então secretario de Estado da Guerra, chegou a Kiew e proferiu um discurso inflammando. Em seguida, num gesto de liberalismo, offereceu a palavra a quem quizesse contraditá-lo. Ergueu-se um velho operário de nome Efimoff e mostrando uma bengala disse: — "Camaradas, eis esta bengala. Ella vae contar a historia da revolução russa. Antes da revolução o paiz era governado pelos aristocratas. Os aristocratas são o castão desta bengala. Os forçados, do lado de baixo, são representados pela ponteira de ferro. O meio são os operarios e os camponezes.

Efimoff fez uma pausa, virou a bengala e continuou:

— Está feita a revolução, camaradas. Os aristocratas estão em baixo, os forçados estão em cima. E vós não mudastes de logar".

O operário Efimoff foi fuzilado alguns dias depois dessa scena. Mas a historia da revolução russa, com o seu cortejo de infamias e as suas hecatombes, é a historia singela dessa bengala proletaria...

— : —

O Presidente Getulio Vargas dedicou ao problema da educação as melhores palavras de recente fala ao paiz. Elas resumem o pensamento de que só nos salvaremos dos flagelos que atormentam o universo se nos educarmos para o Brasil e pelo Brasil, na admiração aos heróes que em tres séculos se bateram e morreram pela liberdade e pela conquista de um patrimonio; no respeito ás individualidades conductoras que fundaram a nossa casa e procuraram dar-lhe uma physionomia; no amor aos que não temeram precalços para consolidar um regimen politico que nos deu conforto, hygiene, riqueza, e a igualdade perante a lei, a unica igualdade absoluta possível dentro das desigualdades da natureza que fazem a harmonia das

cousas diferentes; no prestigio a todas as forças que compõem a nacionalidade no quadro moral e no quadro material, operarios do seu explendor que com a intelligencia e com o braço lavram a terra do futuro; educação para a democracia que, incipiente, nos garantiu projecção singular entre os povos, e, apurada, nos dará a consciencia precisa dos nossos destinos.

Brasileiros de todos os quadrantes, brasileiros de todos os officios e cathegorias, unamo-nos pelo Brasil, salvemos o Brasil.

LIMITES DO BRASIL

Lima Figueirêdo não romanceia historia, ainda menos geographia. Para dizer, viajou, soffreu, sentio. Quando falla de caminhos é por tel-os percorrido ou desbravado; se descreve rios os vio ou lhes andou sobre as aguas; ao evocar nas montanhas recobertas de florestas indevassadas punge-o d'ellas a saudade; ao tratar de aborigenes repete-se quanto lhes ouvio. Ao livro pode applicar-se conceito de Montaigne: obra de bôa fé. Sigamos pois o autor respi-gando confiantes. Traduzem verdade as paginas de **Limites do Brasil**, muitas atestando nosso patriotismo, sem negar a portuguezes consideravel resistencia na conservação do Brasil unido. Onde foi preciso prestar justiça a lusos o capitão Lima Figueirêdo a prestou. Sem deixar por isto de ser muito bom brasileiro.

Dr. Escragnolle Doria

Professor cathedratico do Collegio Pedro II.

"Reputo o seu trabalho de valor geographico evidente e real, constituindo contribuição muito apreciável para o estudo da geographia no Brasil. Seu livro vem prestar um serviço incontestável ao esclarecimento do assumpto, revestindo-se de vivo interesse geographico.

Quer como membro da directoria da Sociedade de Geographia, quer como director-geral do Instituto La-Fayette, quer como presidente da secção de ensino secundario da Associação Brasileira de Educação, aqui lhe deixo os meus francos aplausos por esse trabalho prestado ao conhecimento dos nossos limites com as demais nações do continente americano.

La-Fayette Côrtes

8 | 193

SEÇÃO TECHNICA E INDUSTRIAL

Redactor: A. DUBOIS FERREIRA
Auxiliares: HERCHELL PROENÇA BORRALHO
POMPEU MONTE

O PROBLEMA SIDERURGICO NACIONAL

Cap. HERSCHELL PROENÇA BORRALHO.

A criação definitiva da nossa industria do ferro e do aço, personifica em nossos dias actuaes,^a um decrepito e debatido thema de pejorativa memoria, sempre altivo e inflexivel que, de ha muito, vem desafiando o patriotismo e a boa fé dos poderes competentes e de todos quantos, individualmente, se julgam tambem responsaveis pela solução definitiva deste magno e complexo problema de tamanha importancia á defesa e economia nacionaes.

Para os que conhecem o desenrolar desta magna questão nestes ultimos seis lustros, não é lícito deixar de reconhecer que em suas diversas tentativas de ensaio, tem predominado o inconcusso desejo de se poder aproveitar de maneira economica, nas condições especiaes de recursos do Paiz, nossa imensa reserva siderica, transformando-a numa industria que no conceito actual é "considerada a principal fonte de riqueza de um Paiz, esteio de sua independencia economica e factor maximo de sua grandeza".

Qualquer que tenha sido o motivo: paixão ou estreiteza de vistas, jacobinismo exaltado, timidez... o que é facto, é que trinta longos annos foram dispendidos em improfi-cuos esforços.

Duas têm sido as correntes de opinião que neste particular se vêm degladiando, sem que até agora se tenha alcançado resultados concludentes pelo predominio technico — economico de qualquer dellas:

- (a grande siderurgia com o coke mineral ex-trangeiro;
- (a pequena siderurgia com o coke vegetal na-cional;

O problema da grande siderurgia entre nós, com o emprego do coke mineral estrangeiro tem sido o que mais largamente vem soffrendo polemicas acaloradas, suscitando opiniões e estudos dos technicos especialisados na materia.

A ideia em synthese desta politica é procurar "na exportação do nosso minério, a condição sine qua do estabelecimento desta industria e o unico meio de utilizar essa nossa riqueza", sendo o coke mineral obtido em quantidade nas viagens de retorno dos navios que transportassem o nosso minério para o estrangeiro.

Defensores exaltados afirmam que só a grande siderurgia poderá ser economica. Não basta produzir, é preciso que a producção seja economica, o que exige uma instalação para a fabricação em larga escala.

Como derivante justificadora apontam os conceitos de autoridades inglesas em siderurgia, emitidos no "The Metallurgy of Steel", que recommendam a capacidade mínima de 282 mil toneladas anuais, para que as instalações possam trabalhar em plena economia.

Embora este metodo offereça uma modalidade viável á criação da nossa decantada siderurgia, perguntam os opositores si será estavel e duradouro o seu funcionamento económico sujeita ás oscillações cambiais e á vontade dos poderosos trusts que esta industria pesada representa nas mãos dos nossos fornecedores de ferro e aço — nossos proprios e infallíveis fornecedores do combustível — ?!

E para a nossa defesa nacional, não será perigoso ficarmos dependendo do maior ou menor poder acquisitivo (caso das commoções violentas) ?

Embora os seus alicerces sejam verdadeiramente mais economicos, teremos mercado interno para o consumo total de sua produção?

Poderemos concorrer com os productos similares estrangeiros no commercio com os Paizes do Rio da Prata, nossos naturaes tributarios?

Seria justo crearmos a grande siderurgia em proporções de influir no fechamento das pequenas minas menos economicas, dissenadas em Minas Geraes e que se vem mantendo á custa de enormes sacrificios para seus proprietarios?

Outros technicos apontam ainda a inconveniencia da importação em larga escala do coke estrangeiro, o que viria constituir um grave empecilho ao surto da nossa industria carbonifera, difficultando a adoptação da nossa hulha como agente siderurgico de aquecimento e de redução, sob a forma de combustivel carbonisado.

São perguntas que ficam no ar sem resposta, enchendos de duvida e incerteza.

Tal modalidade de solução exige como vemos, muita prudencia e larga visão de vistas dos nossos competentes technicos, pela complexidade com que se apresenta, dando margem a consequencias imprevisiveis, que interessam tanto á economia como á nossa propria defesa nacional, factor essencial á garantia das instituições.

A verdade exacta é que a grande siderurgia indigena nunca conseguiu implantar-se no Paiz, apesar dos excepcionais favores e privilegios concedidos em decretos e contractos desde 1909.

Recentemente a controvertida questão da "Itabira Iron" culminou com os estudos procedidos pela 5.a Comissão de Estudo, coadjuvada pela Comissão Nacional de Siderurgia, pela ideia da separação nitida entre os dois problemas que são "a exportação de minérios" e o estabelecimento da industria siderurgica no Paiz".

A outra corrente de opinião, mais prudente e cautelosa, propugna pela criação da siderurgia com o nosso coke vegetal.

O dr. Gonzaga de Campos, erudito e sabio geologo, de saudosa memoria, foi um dos mais conceituados pregoeiros da criação da nossa siderurgia nesta modalidade, com convenientes adoptações para eventuais ampliações na produção.

O perigo que nos oferece resolver o problema siderurgico, baseado exclusivamente no suprimento do combustivel estrangeiro, dizia elle, faz-nos preferir começar modestamente na zona do nosso combustivel vegetal, á pequena distancia das jazidas, com fornos altos capazes de passarem insensivelmente do coke vegetal para o mineral.

Recomendava como local mais apropriado, o valle do

Rio Doce, coberto de mattas extensas e semeado de cachoerias, cuja energia das quedas dagua pôde ser aproveitada para os serviços mechanicos e outros misteres da fabricação.

Estimativas recentes avaliam em 20 mil kilometros quadrados a extensão coberta de ricas florestas nessa região; ou sejam 20 milhões de hectares que podem produzir 80 milhões de toneiadas de carvão da melhor qualidade para uso nos altos fornos, na proporção de 40 toneladas por hectare.

O potencial disponivel em diversas de suas cachoerias ao longo de Victoria a Minas, em distancia menor de 100 kilometros para cada lado da linha ferrea, foi avaliado em 500 mil cavallos de energia hydraulica.

Contra esta politica, levanta-se um certo espirito de clamor, contrario á devastaçao das florestas. Mas, o que não podemos negar é que ellas representam uma riqueza latente que não pôde permanecer indefinidamente intacta, servindo apenas para flor de rhetorica. Já se impõe a sua immediata utilização, cujo corte representa a circualação de um valor anteriormente inerte.

O surto economico da Belgo-Mineira é o mais insopfismavel exemplo de que podemos fazer a siderurgia com elementos exclusivamente nacionaes.

Ella utiliza o coke vegetal como combustivel reductor nos altos fornos, sendo que 60 % é fabricado pela propria usina pelo processo das caieiras (médias), e os restantes 40 % obtidos por empreitada com os moradores da região.

Tentou-se o aproveitamento dos subproductos de destillação, mas sem resultado efficiente, pois o carvão obtido neste processo era de qualidade inferior ao obtido nas caieiras.

O carvão vegetal utilizado é de boa qualidade, não excedendo as cinzas em geral á cerca de 3,5 %.

Sua composição média é de:

humidade — 7,0%

cinzas — 3,2%

materias volatéis — 18,40%

A capacidade productiva da usina já não compara as necessidades do commercio actual.

Actualmente, esta empresa desejando ampliar suas instalações e não o podendo fazer em Sabará por lhe faltar alli a energia electrica conveniente, transportou suas novas instalações para a localidade de Monlevade, onde existem quedas dagua que lhes permitem utilizar economicamente o seu potencial hidraulico. Sua producção annual é de:

25.000 Ton. de gusa
30.000 Ton. de aço perfilado
23.000 Ton. de aço laminado

Quasi todo o gusa é empregado na producção do aço (ligas especiaes), applicação mais remuneradora.

A hematita empregada é da localidade denominada Segredo, possue um teor metallico variando entre 55 á 60% de ferro puro, é bastante pulverulenta, exigindo pouco combustivel e, portanto, bastante economica.

O aço de fabricação commum tem em média a seguinte composição:

Si — 0,03
Mn — 0,40 á 0,50
C — 0,13 á 0,16
P — 0,008 á 0,03
S — 0,010 á 0,03

O refractario utilisado é de fabricação nacional da ceramica de Caheté do dr. Israel Pinheiro.

Não nos illudámos; a grande siderurgia não será um problema realizavei para os nossos dias.

A sua complexidade technico-economica não encontra, actualmente em nosso meio, ambiente proprio e seguro de exploração.

O caso do "Itabira Iron" deu-nos um exemplo frisante ha poucos dias, em que, allegando difficuldades financeiras, oriundas da grande crise mundial, nem siquer deu inicio á execução do contracto.

Ella virá forçosamente, mas crescendo progressivamente

riente como todos os seres vivos que no inicio exigem muito cuidado e protecção para o seu crescimento e desenvolvimento.

"Ella surgirá actualmente da ampliação do nosso mercado interno; da possibilidade do aproveitamento mais economico de nossas materias primas; do aperfeiçoamento de nossa technica que se vem formando nos pequenos altos fornos e forjas que já possuímos e que poderá ser desenvolvida mediante a orientação de nosso ensino technico profissional nesse sentido; da melhoria das condições de transporte nas zonas propicias á sua implantação ou á exploração de materias primas, etc.

Só uma politica, procurando facilitar systematicamente a realização de todos esses objectivos, permitirá a industria siderurgica económica no paiz; aliás, já existe e vai-se desenvolvendo á medida que as condições do meio, definidas pelos factores citados, se vão tornando propicios".

Torna-se necessário, portanto, incentivar a siderurgia que já possuímos, dentro de normas estudadas previamente, aproveitando-se a experiença já adquirida e as nossas possibilidades presentes e futuras, o que lhe proporcionará um desenvolvimento natural e economico.

Será como uma grande obra em que se começa a construir a base, erigindo-se depois as columnas mestras e a grande ossatura para o acabamento da grande obra final.

O mundo actual é muito egoista.

Todos procuram viver no isolamento intransigente do seu nacionalismo exaltado.

O poder de uma Nação, mede-se presentemente pelo maior ou menor grau que ella possue de abastecer-s a si propria do indispensavel á sua vida autonoma.

Quasi todos os Paises limitam hoje a saída do capital de suas fronteiras.

Este panorama do mundo actual não nos oferece uma esperança segura e leal da cooperação estrangeira para a nossa maior independencia económica.

A siderurgia nacional tem que ser resolvida com os nossos proprios recursos financeiros e materiaes. Não concluamos, entretanto, que o capital estrangeiro não deva ser "acolhido e estimulado quando applicado em reaes activi-

dades economicas, elementos propulsores de progresso e creadores de riqueza. Neste caso, torna-se mistér uma legislacão sabia e adequada que salvaguarde os direitos da nossa soberania".

Já a possuimos em pequena escala, devemos agora ampliar-a convenientemente, apoianto-a, impulsionando-a com concessões e privilegios, que lhe permittam o surto graduativo até attingir suas verdadeiras finalidades no menor prazo possivel.

O exemplo dos Estados Unidos deve-nos servir de estímulo.

Não desconhecemos o grande gesto do congresso desta Nação amiga, mandando construir a frota de guerra do paiz, ainda mesmo que o seu custo fosse 40% mais caro que o da importada.

A revista americana de Buenos-Aires, traz-nos também algumas noticias sobre a creaçao recente da industria do ferro no Chile:

"No decorrer de 1932 o Chile devia produzir o ferro e o aço exigidos para suas necessidades. Foi fundada a Companhia Electro-Siderurgia de Valparaizo, em que o Estado subscreveu 48 dos 60 milhões de pesos do capital inicial.

A lei assegura premios de 50 a 70 pesos por tonelada de ferro produzido e de aço laminado. O presidente da Republica foi autorizado a elevar convenientemente os direitos de importação do ferro e do aço de modo que a média dos preços de 1.28 fique perfeitamente garantida.

Tal disposição tem por fim impedir o dumping que certamente será tentado pelos fabricantes estrangeiros, que poderiam inundar o mercado chileno por preços infímos para aniquilar a industria do paiz.

Os lingotes serão transformados em materiaes de ferro e aço laminados, das dimensões exigidas pelo consumo do paiz; parte desta mesma producção será estirada em arames de diversos typos galvanizados ou não.

A Companhia produzirá: ferro e aço laminado, aço forjado para projectis, canhões, couraças, armas, aço de fundição para moldes de uso corrente, fortes de machina (cylindros, volantes, puncções, chassis, rodas dentadas, etc.), utensilios agricolas, peças ornamentaes e estructuraes, cha-

pas para pavimentos, radiadores, moldes para lingotes, cascos para munições, canos para agua, trilhos até 15 kilogrammas por metro, trilhos relaminados até 30 kilogrammas por metro, ferro de todas as especies (meio redondo, ovalado, redondo, exagonal, octogonal, T, U, I, em angulos para ferraduras, arrebites, arames laminados da melhor qualidade, numeros 6, 8, 10, 12, 15 até 25,6) etc.

O Chile conta com todos os elementos necessarios para esta industria abundante energia electrica, de infimo preço, abundante minerio de ferro, copiosa existencia de lenha, etc.

E' fácil de avaliar a importancia da implantação da siderurgia no Chile, dentro destes largos moldes, pois o paiz de grande importador (300.000.000 de pesos) passa á categoria de exportador".

E' um exemplo indiscutivel da necessidade que compete ao Estado nos paizes de pequenos capitais e de industrias civis em estado incipiente, de fomentar-as directa ou indirectamente com favores e concessões extraordinarias, exigindo em troca algumas compensações que interessem sobretudo os problemas da defesa nacional.

E' o caso do Brasil em que o estado incipiente das industrias civis não permite ainda, pela estricta correlação com a industria militar, o advento desta no seu multiplo papel de fabrico, manutenção e reparação do material indispensavel ao Exercito não só na paz como na guerra.

Não ignoramos o papel importantissimo de que se reveste hoje a preparação material do Exercito, função difficilmente improvisavel das condições fabris geraes do meio industrial civil e militar. Nos Estados Unidos existe a industria militar. Todo o material de que as suas forças armadas necessitam em tempo de paz é fabricado nos Arsenaes de Guerra.

E no Brasil, de industria militar, nada ou quasi nada possuímos.

Não podemos fugir ao dilemma: ou se crê a industria militar official ou se desenvolve a civil já existente, emprestando-lhe as caracteristicas daquella.

Não podemos é permanecer indifferentemente abastecendo-nos indefinidamente nos mercados estrangeiros do

material indispensavel a nossa propria segurança e garantia das instituições.

A incuria com que tratámos esta questão de tamanha importancia, compromette nossos fóros de potencia sul-americana digna deste nome, impossibilitando-nos de cumprir nosso glorioso destino entre as demais nações irmãs sul-americanas.

"Sem as grandes forjas, sem o ferro, carvão, as quedas
parques industriaes... nenhum povo poderá ter
aspirações universalistas.

O cultivo da terra e a criação do gado são actividades complementares.

Sómente a industria offerece ás nações possibilidades de expansão e condiciona os surtos de grande desenvolvimento material, que assignalam a civilização moderna".

O exercito já comeia a formar o seu quadro technico.

Possuimos um nucleo de officiaes especialistas em assuntos diversos da technica militar que vivem impossibilitados de apresentarem um rendimento apreciavel de suas possibilidades pessoaes.

Não será opportuno começar-se de vez a abordar alguns dos problemas que interessam a industria militar tase como: aços para projectis, canos de fuzis, tubos de canhões, etc.

Porque não se abrir concurrencia com firmas idoneas ao uso de aços nas condições exigidas ao seu emprego bellico?

Exigir nessa concurrencia o "controle official" e a manutenção nas uzinas de officiaes technicos para acompanharem a fabricação e o estudo dos productos recomendados. Em troca seriam feitas concessões remuneradoras que compensassem o trabalho dispendioso e exaustivo desta elaboração, fructo de muitos dias de pesquisas, profunda meditação e longa experiençia metallurgica.

E assim poderíamos tentar desde já o fabrico de projectis de aço, canos de reserva para fuzil e metralhadoras, tubos para canhões de media potencia, identicos ao nosso actual material de campanha, a titulo de incentivo e estudo, o que muito viria contribuir para verificação industrial das nossas possibilidades de fabricação e uzinagem, e para a organização do nosso plano de mobilização industrial. E'

uma simples ideia pessoal que submetto á orientação da administração da Guerra, a qual encarada desde já virá concorrer enormemente para o surto já tardio da nossa Industria Militar, capaz de dotar o Exercito do material indispensável para a guerra: "Não se luta com homens contra o material."

FRANCEZES E INGLEZES

A propósito da dificuldade que os Inglezes têm geralmente em comprehender os francezes e vice-versa, um chronicista parisiense estabeleceu, como explicação bastante, as diferenças e antagonismos que se podem notar entre os dois povos.

Antes de mais nada, o Francez guia á direita (automovel) e o Inglez á esquerda. E' bastante symptomático, isto.

Em familia, os Inglezes collocam o leito no meio do aposento, por pequeno que este seja, e os Francezes o encostam sempre á parede. Nas casas inglezas as persianas abrem-se para dentro e nas francezes para fóra. O garfo com que os Inglezes comem tem tres dentes e o dos Francezes quatro. Os inglezes pronunciam **cocoa** e os francezes **cacaó**.

Os inglezes têm cem religiões e um só mólho, os francezes cem mólhos e nenhuma só religião. No capítulo matrimonial, os padres francezes apenas celebram os casamentos; os sacerdotes inglezes casam-se elle próprios.

Socialmente, o Francez trabalha e o Inglez negocia. Para o Inglez "renda" é o que elle dá ao Estado e para o Francez o que recebe.

Militarmente, os soldados inglezes usam casaco vermelho e calças azuis e os francezes casaco azul e calças vermelhas. "Navio" em inglez é feminino e em francez masculino.

Até nos apertos da vida, a diferença se manifesta: os francezes chamam ao Monte Socorro "minha tia"; os inglezes chamam-lhe "meu tio".

Para concluir: A Carta ingleza estabelece: "**Os Inglezes são livres**"; a Declaração dos Direitos do Homem França proclama: "**Todos os homens são livres**". E é dahi que o antagonismo mental entre os dois povos se manifesta da maneira mais evidente.

O ALCANCE MAXIMO DA "RASANCIA TOTAL" NAS TRAJECTORIAS DA NOSSA METRALHADORA

(Balistica da Infantaria)

Cap. A. MORGADO DA HORA

A medida que o armamento se transforma, evoluindo ou se modificando (mesmo sem evoluir), novas regras precisamos crear para que se tenha o maximo e o melhor rendimento no seu emprego tactico.

Todos os leitores sabem que as trajectorias das balas do cartucho francez 1886 — D (am) lançadas pela metralhadora pesada Hotchkiss são, para **igualdade de alcances**, mais tensas do que as trajectorias das balas cylindro-ogivaes do cartucho brasileiro (com a polvora n. 281 de Piquete).

Para **simplificar a nossa linguagem** no correr deste estudo, chamaremos as primeiras de "**trajectories francesas**" e as segundas de "**trajectories brasileiras**". Estas denominações só são empregadas, **bem entendido**, para **simplificar a linguagem**.

A comparação da **tensão** das trajectorias se faz pela comparação das flechas (ordenadas maximas). Para se calcular uma flecha, a Balistica Externa nos fornece muitas formulas, mas nós vamos escolher aqui para o nosso estudo, uma formula muito simples, para não enfadar com calculos penosos aquelles que não têm o habito de fazel-os.

A formula escolhida é a seguinte:

$$Y = 1,23 \cdot T^2$$

onde Y = é a flecha

e T — o tempo de percurso da bala da origem ao ponto de queda (duração do trajecto total).

Como vemos essa formula é muito mais simples e **nada tem de empirica**, tendo sido fornecida pela **Balistica no vacuo** (por ahi os nossos leitores poderão tambem vêr que a **Balistica no vacuo** não é assim tão inutil como já a prejulgaram...).

Ella se obtém do seguinte modo: — A Balistica no vacuo dá para expressão analytica da flecha a seguinte formula:

$$Y = \frac{V_o^2 \operatorname{sen}^2 \Phi}{2g}$$

Onde,

V_o = velocidade inicial

Φ = angulo de projecção

g = acceleracão da gravidade

Y = flecha

Multiplicando-se e dividindo-se o 2.^o membro da expressão por $2 \times 2 \times g$ temos

$$Y = \frac{2 V_o \operatorname{sen} \Phi}{g} \quad \frac{2 V_o \operatorname{sen} \Phi}{g} \quad \frac{g}{2 \times 2 \times 2}$$

Ora,

$$\frac{2 V_o \operatorname{sen} \Phi}{g} = T$$

sendo T a duração de trajecto total, logo

$$Y = \frac{g}{8} T^2 = \frac{9,8}{8} T^2 = 1,23 T^2$$

como já vimos. Para tirar qualquer duvida sobre o grão de confiança que essa formula nos possa inspirar, appliquemo-la, antes de entrarmos no nosso principal assumpto a alguns exemplos concretos.

**Metralhadora Hotchkiss
atirando a bala do car-
tuccio francez
1886 — D (am).**

1.º Exemplo

Alcance $X = 500 \text{ m}$
Duração de
trajecto to-
tal $T = 0,86 \text{ seg}$

2 lg 0,86	9.86	900	2 lg 0,975	9.97	800
lg 1,23	0.08	991	lg 1,23	0.08	991
lg Y	9.95	891	lg Y	0.06	791

$$Y = 0,91 \text{ m}$$

Valor que encontramos
na tabella de tiro
francesa

$$Y = 0,92 \text{ m}$$

2.º Exemplo

Alcance $X = 600 \text{ m}$
Duração de
trajecto to-
tal $T = 1,08 \text{ seg}$

2 lg 1,08	0.06	684	2 lg 1,246	0.19	104
lg 1,23	0.08	991	lg 1,23	0.08	991
lg Y	0.15	675	lg Y	0.28	095

$$\begin{aligned} Y (\text{calculado}) &= 1,43 \text{ m} \\ Y (\text{da tb. de t.}) &= 1,43 \text{ m} \end{aligned}$$

**Metralhadora Hotchkiss
atirando a bala ogival
do cartuccio brasileiro**

1.º Exemplo

Alcance $X = 500 \text{ m}$
Duração de
trajecto to-
tal $T = 0,975 \text{ seg}$

2 lg 0,975	9.97	800	2 lg 0,975	9.97	800
lg 1,23	0.08	991	lg 1,23	0.08	991
lg Y	0.06	791	lg Y	0.06	791

$$Y = 1,17 \text{ m}$$

Valor que encontramos
na tabella de tiro
brasileira

$$Y = 1,15 \text{ m}$$

2.º Exemplo

Alcance $X = 600 \text{ m}$
Duração de
trajecto to-
tal $T = 1,246 \text{ seg}$

2 lg 1,246	0.19	104	2 lg 1,246	0.19	104
lg 1,23	0.08	991	lg 1,23	0.08	991
lg Y	0.28	095	lg Y	0.28	095

$$\begin{aligned} Y (\text{calculado}) &= 1,90 \text{ m} \\ Y (\text{da tb. de t.}) &= 1,90 \text{ m} \end{aligned}$$

Creio que estes exemplos bastarão para convencer o mais incredulo. Tomemos agora para altura de um homem em pé (avançando) 1,60 m e procuremos qual a duração do trajecto total da trajectoria cuja flecha é de 1,60 m. Temos

$$1,60 = 1,23 T^2 \quad \therefore \quad T^2 = \frac{1,60}{1,23} \quad T = 1,140 \text{ seg}$$

tanto para as trajectorias "brasileiras" como para as "francezas". Conhecido este valor, procuraremos, agora, qual o alcance X que terá a trajectoria, cuja flecha é de 1,60 m e cuja duração de trajecto total é de 1,14 seg. O meio mais rapido (para evitar calculos) é aproveitar os elementos já calculados que se acham nas tabellas de tiro da metralha dpra. Teremos então:

Trajectorias francezas

Para

$$\begin{array}{lll} X=600 \text{ m temos } T=1,08 \text{ seg} \\ X=\chi= ? & " & T=1,14 " \\ \hline X=700 \text{ m} & T=1,31 & " \end{array}$$

Poderemos formar a seguinte regra de três

A diferença de

$$\begin{array}{ll} 0,23 \text{ seg corresponde a } 100 \text{ m} \\ 0,06 \text{ seg corresponderá } " \quad \chi \end{array}$$

onde

$$\chi = \frac{0,06 \times 100}{0,23} = 26 \text{ m}$$

Trajectorias brasileiras

Para

$$\begin{array}{lll} X=500 \text{ m temos } T=0,975 \text{ seg} \\ X=\chi= ? & " & T=1,140 " \\ \hline X=600 \text{ m} & T=1,246 & " \end{array}$$

Poderemos formar a seguinte regra de três

A diferença de

$$\begin{array}{ll} 0,271 \text{ seg corresponde a } 100 \text{ m} \\ 0,165 " \text{ corresponderá } " \quad \chi \end{array}$$

onde

$$\chi = \frac{1,165 \times 100}{0,271} = 61 \text{ m}$$

Conclusão — O alcance maximo das trajectorias da metralhadora Hotchkiss, que dá “rasancia total”, é, com as nossas balas

$$500 + 61 = 561 \text{ m}$$

e com as balas francesas

$$600 + 26 = 626 \text{ m.}$$

O conhecimento desses alcances se torna util para o estudo do estabelecimento dos planos de fogos no caso da defensiva.

Analogamente, pôderão os nossos leitores, procurar esse alcance para as demais armas automaticas que tambem usamos.

Resumo final — Pesquisa do alcance maximo das traectorias de “rasancia total” da metralhadora pesada Hotchkiss:

Com a bala	Valor calculado	Valor adoptado	Margem de segurança
francesa	626 m	600 m	4,3 %
brasileira	561 m	{ 550 m ou 500 m	{ 2 % ou 12,5 %

NOTICIARIO E VARIEDADES

O PRINCIPE DE NASSAU

Cap. LIMA FIGUEIREDO.

— Absolutamente meu amigo. Não posso concordar contigo. Prefiro ficar entre os de intelligencia peluda, entre os que tudo vêem atravez de um prisma torto. Amo o Brasil com todas as suas glorias e miseras; e para mim a nossa historia não tem limite chronologico — ella começa mesmo antes de aqui abicar o ousado navegante lusitano que procurava terras alem do famoso merediano fixado, erradamente, em Tordesillas. Não distingo a patria com p minusculo da Patria com p maiuscula. Para mim ella é uma unica desde os tempos em que os incolas, em suas compridas pircgas, sulcavam os mares agitados no nosso vastissimo litoral, até os dias que hoje passamos trabalhando com afinco para elevar o nosso Brasil ao nivel das chamadas grandes potencias. Francamente, meu amigo, como brasileiro, como catholico e como soldado não posso concordar com o crime lesa-patria que desejam esquecer, commemorando o 3º centenario da vinda do habilidoso principe Mauricio de Nassau.

— Calma com teu patriotismo piégas. Não desejamos festejar a chegada do invasor e sim a sigma incalculavel de beneficios e bemfeitorias que elle trouxe a todo Nordeste, impulsionando-o com força herculea quer no terreno material, assim como no espiritual. Deves pensar somente no que fez de formidavelmente extraordinario o principe. Com seu dedo de artista esboçou o plano da garrida Cidade Mauricia; idealizou e executou o monumental Palacio de Friburgo, onde os mais acatados sabios estudavam e viviam; desenvolveu admiravelmente o gosto pelas artes e pelas letras, e veio ensinar, aos que naquellas plagas habitavam, o que era elegancia, donaire e conforto, ministrando pela imitação, lições completas de arte, de bem vestir e amenizando um pouco a ganancia desmesurada dos donos de engenhos que andavam sujos e miseravelmente, apezar de possuirem o mealheiro recheiado. Ainda mais: introduziu

em terras americanas a representação popular creando as Camaras dos Escabinos que se reuniam, de vez em quando, em assembléa para legislar em proveito da provincia. Esses Escaobinos tambem julgavam: eram um poder judiciario em miniatura — a sorte dos réus já dependia da discussão entre varios homens e não do livre arbitrio e da prepotencia de um só. Foi o precursor do theatro do Brasil, trazendo da Europa uma companhia de comedias francesas que empolgava os pernambucanos em dias festivos. E ainda mais, meu amigo, si bem que dias que condemnas a commemoração a Nassau como catholico, deves lembrar-te que elle, apezar de protestante, decretou, logo de chegada, a liberdade de culto.

— Optimo meu amigo, és um advogado ás direitas. Comtudo fico com a minha idéa inicial — não separo o Mauricio artista, administrador e diplomata do hollandez aventureiro, argentario que trabalhava pela prosperidade da rica companhia da qual era o representante mór em nosso territorio. Era natural que assim procedesse o principe, pois de outra forma não conseguiria elle ficar tanto tempo no Brasil, suffocando o ardor nativista — foi um ardil engenhoso, de que o intelligente e amoroso hollandez se serviu para cavar fundo os alicerces da sua feitorja. Igual processo está sendo, agora, adoptado na Abyssinia: os peninsulares espalham por todos os recantos daquelle territorio alcantilado e pedregoso a semente do progresso, rasgando estradas, canalizando rios, hygienizando povoados, villas e cidades, distribuindo terras a colonos e mantimento aos indigenas famintos, abolindo a escravatura e permittindo as crenças seculares que não attentem contra a civilização. Mussolini e Nassau, ainda que distanciados pelo espaço dos seculos, viram pelo mesmo oculo... Fizesse Nassau tudo que o excepcional italiano está fazendo pela Ethiopia e, mais ainda, mandasse calçar as ruas de sua Mauricia com pedras preciosas e fizesse de cada nordestino um sabio mesmo assim eu continuaria applaudindo o desfecho da lucta dos Guararapes que poz por terra o dominio hollandez no Brasil. Ao arrojo da trindade heroica — André Vidal, Camarão e Henrique Dias — e do seu intrepido chefe Fernandes Vieira devemos a existencia do bloco

coheso do nosso território que pelas suas possibilidades causa apreensões ao mundo. Fosse outro o desenlace da rude peleja e teríamos quiçá, bem no peito do nosso gigante, uma colónia encravada à guisa das três que até hoje desafiam o espírito de liberdade dos americanos...

Por todos esses motivos é que considero já existindo em 1639 a Patria Brasileira com P, si bem que fossemos uma mera colónia hespanhola, em virtude das duas corôas ibericas estarem sobre a cabeça do mesmo rei — Philippe II.

Leito, acima de tudo, colloco a integridade de nosso território, amando, carinhosamente, tudo que contribui para que nem um naco nos fosse arrancado para amenizar a fome de conquista das nações poderosas.

Como católico, não tolero o protestante intrujo que, com luvas de seda, permitti a liberdade de culto, para depois consentir que as nossas igrejas fossem profanadas e despojadas de todas as riquezas; mutiladas as suas imagens; utilisadas, para bambochetas carnavalescas, as vestes sacerdotais; escorriados os padres e fieis que se mantinham sempre e sempre com os olhos voltados para a doutrina santa pregada por Jesus.

Como soldado, não posso nem de longe sonhar que um brasileiro que tenna passado pela caserna possa ser partidário de semelhante commemoração.

Na guerra hollandeza encontramos exemplos que são sempre citados aos nossos soldados, como verdadeiros fortificantes das fibras moraes, injecções poderosas de patriotismo. Que os partidários de Calabar projectem luz sobre estes quadros: as heroínas de Tejucopapo manejando lanças e espingardas em defesa do reduto que fôra surprehendido por Lichtart; d. Maria de Souza, ordenando aos seus filhos menores de 13 a 14 annos que partissem com a mesma honra dos seus dois outros irmãos mortos no campo da peleja em defesa de Deus, do Rei e da Patria; a Jacob Rabbi, o flamengo anthropophago, fazendo as matanças de Cunhaú e Uruassú; a batalha dos Guararapes, onde os tres elementos da raça em formação luctaram pelo mesmo ideal, electrizados pelo espírito da liberdade... e, se nada virem de grandioso, omnicolor e bello, que, no dia da commemoração esquife do espírito nacionalista, ergam, para serem cohe-

HONRA AO MERITO



Flagrantes tomados durante a solemnidade da entrega das condecorações aos officiaes brasileiros e franceses que fizeram ju's a tal distinção.

14.^º ANNIVERSARIO DO 10.^º B. C.



AO ALTO — Demonstração de educação physica por uma turma de recrutas

EM BAIXO — Autoridades presentes ás festividades



rentes, duas estatuas — uma a Calabar e outra a Gaspar Dias — os dois unicos homens coevos da época que pensaram de acordo com os que desejam, hoje, adornar a cabeça de Nassau com um scintillante halo de glórias.

Há tanto que fazer pelo Brasil, meu amigo, para que percais tempo em endeusar um alienígena que o braço do Destino trouxe às nossas plagas! Diffundamos a mãos cheias, por todos os recantos do Brasil, livros e cartazes que lembrem as vidas de Caxias, de Osorio, de Andrade Neves, de Rio Branco, de Floriano, de Benjamin, de Ruy Barbosa... Engagemos os nossos artistas na elaboração de quadros que atestem sempre a acção phantastica dos bandeirantes alargando as nossas raias, as victorias fulminantes nos tabocas nordestinos, nas cochilas bombeantes do sul e no chaco mystericso do Paraguay...

Façamos reviver omnimodamente no papel, na pedra, no bronze... todas as páginas luminosas da nossa historia.

Está descuidada entre nós a educação cívica, unico fão que levantou uma agonizante como a Allemanha em nação leader do mundo, unica mola que deu aos italianos a elasticidade evolucionista, unica vara magica capaz de metamorphosear os 40 milhões de brasileiros num só patriota...

Agora um conselho, meu amigo; toda a vez que estudas a vida de um homem que haja tido relação com o Brasil, se algo notares que possa entibiar o animo nacionalista do povo, guarda a descoberta em segredo. Só appliques tua intelligencia e teus estudos na grandeza de tua patria!...

PELAS CASERNAS DO BRASIL

14º ANNIVERSARIO DO 10º BATALHÃO DE CAÇADORES

Realizaram-se a 20 de Maio proximo passado, em Ouro Preto, parada do 10º Batalhão de Caçadores, as festividades commemorativas da passagem do 14º anniversario da organização dessa unidade do nosso Exercito.

Como sóe acontecer, a população da legendaria cidade de Felippe dos Santos, concorreu grandemente para abrillantar aquelles festejos, comparecendo em massa ao quar-

tel daquelle corpo, tal é o estado de completa identificação e boas relações de amizade reinante entre os componentes do 10º B. C. e os elementos mais destacados da nobre terra mineira.

As festividades tiveram um cunho grandemente significativo quanto aos lados esportivo, social e recreativo, sobresenhindo, contudo, o carácter eminentemente cívico atribuído às mesmas pelo commando e oficialidade daquella longínqua unidade.

E' que, fundado a quatorze annos, não possuia ainda o 10º B. C. a sua bibliotheca, dependência cujos benefícios a uma corporação tão desnecessários encarecer. Fatores vários haviam influido para que esse objectivo ainda não tivesse sido attingido. O actual commandante do Batalhão, Tenente Coronel Hugo de Alencar Mattos, entretanto, tomou a peito tal iniciativa e assim o 10º B. C. viu nesse dia inaugurada a sua bibliotheca.

Os festejos commemorativos do anniversario constaram de provas esportivas pela manhã, para soldados e cabos-sargentos e officiaes, proseguindo as mesmas provas pela tarde.

A's dezessete horas, foisolemnemente inaugurada a biblioteca da unidade e, bem assim, à mesma dependência, o retrato do saudoso Cap. Armando de Souza e Mello, que perdeu a vida nos successos de Novembro do anno próximo findo, na Esc. Av. Militar. E' que o Cap. Armando saíra de Ouro Preto, onde serviu cerca de um anno, para vir comandar a Cia. de Guarda daquella Escola. O rastilho de amizade e camaradagem que aquelle official deixou entre os seus camaradas do Batalhão e o círculo de relações que soube grangear entre a população civil de Ouro Preto, deram em resultado a deliberação da oficialidade do B. C. de mandar confeccionar o retrato daquelle companheiro e a do commando de dar o patronato da novel biblioteca á memória do companheiro morto, é certo, menos na consciência de quantos o conheceram e puderam apreciar suas inováveis qualidades de soldado, amigo e homem de bem.

E a homenagem cívica realizou-se, de par com a designação, de uma das estantes da biblioteca com o nome do não menos saudoso Cap. João Ribeiro Pinheiro, tambem

desaparecido em Novembro do anno passado, em defesa do Exercito.

Assim, aqueles dois abnegados soldados do Brasil, que serviram a esta grande Patria, com o mesmo objectivo, companheiros de turma, por coincidencia tendo seus nomes bem juntos no Almanack da Guerra, tiveram tambem suas memorias perpetuadas juntas, unidas na saudade dos seus camaradas, como junto estiveram sempre, morrendo ambos por uma causa *communum*: a idéa da Patria, o ideal do Exercito.

Usou da palavra o commandante do B. C., Tenente-Coronel Hugo de Alencar Mattos, descerrando as portas da bibliotheca; em nome da officialidade do B. C. orou o cap. Levy Doval Henriques, inaugurando o retrato do Cap. Armando e a placa da estante Cap. João Pinheiro; pela população civil de Ouro Preto e em nome dos amigos do Cap. Armando, falou o dr. Escarlatelli, engenheiro, da alta sociedade ouro-pretana; produziu brilhante oração o sr. Commandante da 8.^a B. da I., general Christovam Barcellos, exaltando a significação daquellas homenagens civicas e finalmente, encerrou a solemnidade o discurso do representante do sr. General Commandante da 4.^a R. M., Cel. Louival Duarte do Carmo, chefe do seu E. M.

A' noite, decorreram animados os saráus organizados pelos officiaes, pelos sargentos e pelas outras praças do Batalhão, para recreio de suas famílias e pessoas de suas relações, nos casinos respectivos.

Publicando alguns dos flagrantes photographicos da festa anniversaria do 10^o B. C., a "Defesa" cumpre um dever que lhe incumbe, propagando as noticias da classe militar, acrescendo relevar que as homenagens tributadas ás memorias de companheiros mortos em defesa da Patria e do Exercito, revelam da parte da officialidade e praças do 10^o Batalhão de Caçadores uma alta comprehensão do dever militar, cuja pratica se solidifica cultuando a realidade de uma Patria grande e unida e a liturgia do seu Cívismo!

A placa da estante Cap. João Ribeiro Pinheiro foi oferecida ao 10.^o B. C. pela Casa Editora Henrique Velho, do Rio.

Coube o encargo da organização da bibliotheca, que iniciou sua vida com cerca de 800 volumes, ao Cap. Tacito Reis de Freitas, representante da "Defesa" em Ouro Preto.

ACABAM DE SER EDITADOS PELA NOSSA BIBLIOTHECA :

R. E. C. I. — 1^a Parte (reedição autorizada pelo E. M.—.). Cumprindo o nosso programma de reedição de regulamentos conseguimos apresentar agora o R. E. C. I. — 1^a Parte com um aspecto inteiramente novo que vem facilitar a sua leitura e o seu manuseio. — Preço 4\$000.

**FORMULARIO PARA O PROCESSO E JULGAMENTO
DOS CRIMES DE INSUBMISSÃO E DESERÇÃO DE PRA-
ÇAS. — Cap. Nizo Montezuma.**

Trabalho aprovado pelo Supremo Trbiunal Militar e mandado adoptar no Exercito e na Marinha, respectivamente pelos Exmos. Snrs. Ministros da Guerra e da Marinha. Obra completa e indispensavel a todos Officiaes dos Corpos de Tropa. — Preço 5\$000.

Pelo correio mais 1\$000.

CENTROS DE BRASILIDADE

Sob o patrocínio da Liga da Defesa Nacional foram criados tres Centros de Brasilidade respectivamente nas Escolas Carlos Gomes, Republica do Perú e Gymnasio Vera Cruz. A testa da Commissão Central dessa obra de nacionalismo a todo custo se acham o Srs. General de Divisão Pantaleão Pessoa e Dr. Everardo Backeuser e fazem parte da Comissão Central os drs. Isaias Alves, Balthazar da Silveira, Figueira de Mello, Orlando Gaudio, a professora Alba Canizares do Nascimento e os capitães Brocardo Bicudo, Lima Figueirêdo e Ignacio Rolim.

Na inauguração do centro da Escola Carlos Gomes falou em nome da Comissão e Capitão José Dantas Pi-mentel que produziu magnifica oração sobre a vida do grande musicista e formidavel patriota. Na solemnidade da Escola Republica do Perú, realizada no dia do anniversa-

rio da independencia desse paiz irmão — 28 de julho — falou o Capitão Lima Figueirêdo que, depois de se referir, em ligeiros traços, á independencia da patria de Miguel Gráu, gisou, rapidamente, a vida do Marechal Floriano Peixoto, patrono do centro fundado.

A cerimonia do Gymnasio Vera Cruz foi imponente e grandiosa e tão patriotica que, como disse o Dr. Fernando de Magalhães, orador escolhido, deveria prolongar-se eternamente. A mocidade do conceituado educandario vibrou de entusiasmo.

Para o exito obtido muito concorreu a contribuição prestada pelo côro orpheonico da Escola Paulo Frontin e os esforços desenvelvidos pelos incançaveis capitães Bicudo e Rolim.

Ainda este mez deve ser fundado o Centro do Instituto de Educação.

O programma que os centros se propõem desenvolver é do nacionalisme atravez da educação, alcandorando bem alta a idéa de Patria, repetindo todos os dias factos que recordem os feitos dos nossos heroes. Habituar a creança desde tenra edade a combater os dois dissolventes da nossa nacionalidade: o communismo e o regionalismo.

Do Capitão Moacyr Marroig recebemos a carta abaixo:
ROMA, 23 de Junho de 1936.

Prezados directores da "A DEFESA NACIONAL".
Cordeaes saudações.

Devidamente autorizado pelo sr. General Waldomiro C. de Lima, e á guisa de reportagem, envio aos illustres camaradas as rapidas notas abaixo sobre a viagem de meu chefe ao theatro da lucta italo-abyssinia:

I — O Gen. Waldomiro na Africa Oriental acaba de percorrer em automovel cerca de 3.300 kms. e em avião 6.730 kms. atravessando toda a Erithréa, a Abyssinia e a Somalia Italiana, do Mar Vermelho ao Oceano Indico, em menos de um mez. Elle visitou passo a passo todos os campos de Batalha e os terrenos dos principaes combaets, quer no front Norte (Erithréa) quer no front S (Oganden-

Somalia) em pleno contacto com os Marechaes Badoglio e Graziani com quem esteve em cordeal camaradagem. Tudo lhe foi facilitado sendo por todos recebido com demonstrações de sincera sympathia pelo Brasil e innumerias homenagens, não só pela officialidade como pelo elemento civil. Desde Roma até os confins da Abyssinia os italianos tem recebido muito carinhosamente o meu general.

Nesse ambiente, o general pôde recolher interessantes informes sobre as operações na Abyssinia, não somente na documentação que lhe foi fornecida, mas especialmente no proprio terreno das operações onde os proprios generaes, chefes ou officiaes de estado maior que tomaram parte nas batalhas ou combates expuzeram-lhe minuciosamente os acontecimentos.

O sr. general possue alem disso, interessante documentação cinematographica e photographias que fez tomar e que são muito interessantes.

Uma cousa que muito impressionou o sr. general foi a organização dos serviços que na Africa estão directamente subordinados á Direcção de Intendencia que tem a gerencia de todos os serviços auxiliares (S. Comissariato — que corresponde ao nesso S. I., S. S., S. V., S. Correio, S. E., S. Transporte e outros) especialmente o que concerne ao serviço das comunicações — O sistema de construção de estradas empregou cerca de 100 mil operarios que, cheios de alegria e entusiasmo, trabalharam e trabalham ainda, supportando aspero clima, grandes mudanças de temperatura e outros sacrificios, inclusive a escassez d'agua. Os soldados tambem têm cooperado na construção de estradas que, em alguns trechos são tão boas como as da Europa.

Em todo o percurso que fez (mais de 10 mil kms) o sr. General teve a impressão de que a pacificação dos espiritos é completa. Foi muito notada pelo General a fé robusta e o ardor patriotico no trabalho que neste momento realizam soldados e operarios para o melhoramento das construções.

O sr. Generai em Modadiscio foi convidado pelo Governador para uma caçada de leões e elephantes, para o que, foram-lhe offerecidas as mesmas armas e os mesmos guias que serviram a S. M. o Rei de Italia. Na região de

Chisimaio, cerca de 200 kms para o interior foi realizada uma feliz caçada, sendo abatidos dois leões e outros tantos elefantes.

O precurso feito em avião pelo sr. General, foi uma verdadeira prova de resistencia pois em alguns trechos de 600 a 700 kms, as diferenças de temperatura e de pressão foram muito accentuadas. Assim entre Mogadisco, ao nível do mar, com 45° á sombra, foi necessário subir a mais de 5.000 metros para atravessar as montanhas da Abyssinia central (Região dos lagos Margarita e outros) com o thermometro abaixo de zero...

O sr. General prepara neste momento um relatorio muito interessante que vai enviar ao E. M. E. e do qual dará mais tarde á publicidade. Será uma obra que muito interessará certamente aos nossos camaradas.

Sem mais por hoje, queiram aceitar um abraço do camarada e amigo

Moacyr Marçal

O PETROLEO NO BRASIL

Cap. João Macedo Linhares

Diz o nosso Regulamento de Cavallaria 1^a Parte.

"Os officiaes, quaesquer que sejam seu posto e sua origem, devem por si mesmo, procurar todas as occasiões para cultivar e desenvolver seus conhecimentos geraes".

Levado por este preceito regulamentar, que alio a outras qualidades do official de cavallaria, trago para o nosso meio a questão do Petroleo, que vem sendo ventilada e debatida, num ambiente de suspeitas e censura, onde se joga e se duvida do alto sentimento de dignidade e patriotismo de nossos technicos.

Durante as minhas ultimas férias no Rio Grande do Sul, tive oportunidade de manter contacto e colher dados com José Cathala, technico que anima e orienta os negócios de óleo da Distilaria Barão de Candiota, que é hoje uma realidade incontrastável, conforme as amostras que se en-

contram na redacção da Defesa Nacional para quem quizer se certificar.

Quando regressei ao Rio, fui ao Departamento de Produção Mineral levar uns papeis para attender ao Código de Minas. Lá, tive occasião de ver o interesse que seu Director toma pelos assumptos de sua repartição. Deixo, portanto, aqui, o meu agradecimento que não tem outro fim senão o de apoiar um engenheiro de renome nacional, na grande obra que lhe está affecto.

O PETROLEO E A DEFEZA NACIONAL

Li, algures, que era illusorio sustentar uma guerra sem o petroleo ou um substituto. E, como de facto, com a motorização dos exercitos em todas as armas, hoje elle é ainda mais necessário do que hontem.

O petroleo foi um dos principaes factores da victoria aliada durante a guerra mundial. Lord Curson, ministro inglez durante os annos críticos de 1917-1918 escreveu a respeito a phrase seguinte: "A guerra mundial foi ganha sobre ondas de petroleo".

Não existe duvida que na circulação nacional o petroleo desempenha a função do sangue no organismo humano. Por isso Georges Clemenceau, o grande ministro da guerra francez disse: "QUE UMA GOTTA DE PETROLEO VALE TANTO COMO UMA GOTTA DE SANGUE EM TEMPO DE GUERRA".

Em 1927, o então Ministro-Presidente do Japão se dirigindo ao seu imperador pedindo a conquista da Mandchuria. Petroleo e o ferro da Mandchuria nos permitirão de tornar o nosso exercito e a nossa marinha inexpugnaveis, e depois de dominar o Oriente, poderemos pensar em conquistar o Occidente.

assim citado pelo grande Tanaka não passa de petroleo de shistos e carvões betuminosos, extraído a preços muito mais baixo e de melhor qualidade que o petroleo de lençol. A respeito delle encontramos interessantes dados na obra do escriptor japonez Lee Mantsu "TEMPESTADE SOBRE A ASIA" (traducção portugueza). No dito livro se encontra na integra o rumoroso relatorio secreto

de Tanaka "Para uma politica positiva na Mandchuria" o qual foi somente publicado em 1931, depois que os Japonezes já tinham começado a conquista do territorio mandchou.

Na pagina 56 (relatorio de Tanaka) encontramos o seguinte:

"Ha ainda as minas de SIN CHUN que contem 60.000.000 de toneladas de schistos. A sua extracção é facil. Poderá se fazer disso petroleo para uso domestico que seria vendido na China. A via-ferrea de Kirin-kirin nos trará outras vantagens sem nenhum inconveniente. O minério servirá de complemento aos das minas de FU-CHEN. Possuindo estas duas regiões, possuiremos a chave da industria de toda a China".

Na pagina 69 do mesmo livro encontramos:

"Outro producto que não temos em quantidade sufficiente é o petroleo. E' um producto indispensavel na existencia do Japão. Por felicidade as minas de FU-CHEN contem 5.200.000 de toneladas de minério do qual se pode obter 6% de petroleo puro. Com o auxilio de machinismos americanos poderemos obter 9% de petroleo."

Depois de alguns dados estatisticos sobre o consumo de petroleo do Japão, Tanaka conclue:

"Será para nós uma grande revolução industrial. O PETROLEO E' UM GRANDE FACTOR NO PONTO DE VISTA DA DEFEZA E DAS RIQUEZAS NACIONAES. Se possuimos o ferro e o petroleo da Mandchuria, o nosso exercito e a nossa marinha se tornarão INEXPUGNAVEIS. Não ha duvida que a Mandchuria e a Mongolia constituem o coração do nosso Imperio".

A Mandchuria foi conquistada, e hoje os Japonezes estão extrahindo dos seus schistos betuminosos e carboníferos 1.000 toneladas de petroleo por dia, sendo os schistos tratados bem inferiores em porcentagem de oleo aos nos-

sos. E os nossos não precisam de ser conquistados, elles só esperam que todos os que tem realmente o amor ao Brasil, no coração, tratem de os industrializar.

No ponto de vista das guerras terrestres, é o petroleo que move os exercitos modernos motorizados com os seus carros de assalto, automoveis blindados, caminhões, aviões, etc. e que serve tambem de lubrificante para as machinas de guerra e para as que produzem para a guerra.

Foi, sem contestação alguma, o petroleo que permittiu ao exercito francez de vencer o Verdun, quando 2.000 caminhões automoveis passaram a transportar as reservas que deviam deter o avanço allemão. E o petroleo tambem salvou a capital da França em 1914 quando ameaçada. Elle permittiu ao General Galieni, o seu Governador de transportar todas as fcrças que tinha disponiveis para o campo de batalha, facilitando assim ao Generalissimo JOFFRE de vencer a batalha que decidiu tanto da guerra como da sorte dos alliados: A batalha do Marne.

No mar, para a frota de guerra o petroleo é ainda mais necessario e indispensavel. Navios que queimam carvão nunca terão a efficiencia dos que queimam oleo. Sobre este assumpto Lord FISCHER, primeiro Lord do Almirantado Britannico, commandante geral da esquadra ingleza (Home Fleet) declarou ha vinte annos atraz: "O USO DO OLEO COMBUSTIVEL AUGMENTA DE CINCOENTA POR CENTO O VALOR DE UMA ESQUADRA".

E, a Inglaterra, nação do carvão, depois das declarações do seu grande technico naval, passou a construir unidades de guerra as quaes queimavam oleo. E foi o augmento de velocidade, devido aos seus motores Diesel, que permittiu na batalha de JUTTLAND á Sir David Beatty no momento critico de romper o combate, quando heroicamente com uma esquadra de cruzadores ligeiros enfrentou toda a frota de guerra allemã. Os allemães não puderam manter o contacto com os inglezes porque os seus navios queimavam carvão, e de velocidade inferior aos de Beatty que queimavam oleo.

E o grande JELLICOE almirante em chefe durante a conflagração mundial declarou num relatorio official: "A ADOPÇÃO DO PETROLEO PELA NOSSA MARINHA AU-

GMENTOU AUTOMATICAMENTE A SUA FORÇA DE 33%".

Na construcção naval de apôs a guerra, desapareceram as unidades de batalha queimando carvão. O emprego dos motores a oleo permittiu a construcção de destroyers que ultrapassaram de 40 milhas de velocidade horario como os de tipo "Passagnero" da marinha italiana e os da serie "Chacal" "Tigre" da Marinha Franceza.

O submarino é hoje a arma maritima indispensavel aos paizes que queiram ser aptos a defender a soberania nacional. Queima só oleo como os hydro-aviões necessarios para a vigilancia das costas e para a guerra contra os submarinos.

As nações que não produzem petroleo no seu territorio, são incapazes de se defender no caso de serem aggredidas pelos seus vizinhos. Considerando isso, todas as grandes nações modernas tratam de constituir reservas de combustivel para abastecer os seus exercitos e as suas marinhas em tempo de guerra.

Nos Estados Unidos, no Estado do Colorado, o Governo Federal declarou territorio nacional uma superficie de 45.440 hectares de schistos betuminosos e no Estado de Utah 86.584 hectares. São destinados destes territorios a constituir uma reserva petrolifera para a defesa nacional, o dia em que os poços de petroleo forem exgotados. Tambem ficou previsto assim o abastecimento do exercito em guerra interna, no caso que por má sorte da guerra viriam á se perder as jazidas de petroleo liquido dos littoraes do Atlantico e Pacifico (Pennsylvania, California) as quaes são as mais ricas dos E. U.

Na vizinha Republica Argentina, o problema do aproveitamento dos schistos betuminosos de Mendoza, e a sua industrialização estão estudados tanto no ponto de vista economico como da defesa nacional. Foi verificado que os schistos de Mendoza poderão abastecer de petroleo durante algumas centenas de annos as ferrovias, as industrias, a marinha e o exercito, o dia que os poços de petroleo vierem a seccar. Hoje a Argentina produz 90% do petroleo que consome (estatistica oficial de 1934), tendo conquistado a sua independencia economica e attingido o seu potencial.

maximo no ponto de vista da defesa nacional (V. revista argentina La Nacion).

Na Europa, as nações estão resolvendo o abastecimento dos seus exercitos e das suas marinhas em tempo de guerra com petroleo nacional.

A Inglaterra cujo governo possue o controle de dois dos mais poderosos trusts petroliferos do mundo a Royal Deutsche Shell e a Anglo Persian Oil Co. (APOC) acaba de inaugurar á BILLINGHAM uma Usina de Distillação de carvões e schistos betuminosos para produzir 410 toneladas de petroleo diariamente. Devido aos resultados obtidos foi resolvido quadruplicar esta produção afim de atender as necessidades da nação na paz como na guerra. O Governador Inglez tomou o compromisso de adquirir a produção durante nove annos, de preferencia á petroleo importado mesmo das suas colonias. O capital que vai ser invertido neste emprehendimento será de 4.000.000 de Libras Esterlinas, tendo sido subscripto pelos dois maiores consorciros petroliferos do mundo: ROYAL DEUTSCHE SHELL (Deterding) THW STANDARD OIL OIL of NEW JERSEY (Rockefeller) e os dois importantes consorciros chicos IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES (Lord Melchett) e I. G. FAABENINDUSTRIE.

O petroleo produzido em Billingham é mais barato que o de poços. O processo industrial empregado é a hydrogenação. The British Engineering Journal, vol. XIII, n. 9 de Dezembro de 1935, traz dados technicos interessantes sobre esta grande realização.

Existe na Inglaterra, localisadas na Escossia, diversas Usinas extrahindo petroleos de schistos, as quaes reunidas produzem 300 toneladas de oleo combustivel annualmente. Estes oleos são integralmente reservados para a defesa nacional. Todos os vehiculos do exercito possuem motores Diesel adaptados para este carburante. O Governo Francez isentou de impostos totalmente a industria de distillação de schistos betuminosos.

Cogita-se de explorar as jazidas das colonias francezas (Tunisia e Madagascar) com o fim de produzir oleo para o abastecimento das bases navaes da França em Bizerte e Tamatave.

A Alemanha está na vanguarda da producção do petroleo de schistos como de carvão. A nação poderá agora ser abastecida na paz como na guerra.

Na Italia pelas ultimas notícias recebidas e publicadas pela imprensa resulta que o Governo está proseguindo na industrialização das jazidas de schistos de Calabria e Sicilia, devendo tambem como na França os Ministerios de Defesa Nacional adquirir todo o petroleo que virá a ser produzido.

Na Espanha acaba de se inaugurar á Pennaroya, nas Asturias. Usina com capacidade diaria de 175 toneladas, a qual é o principio de uma industria destinada a abastecer de petroleo a Espanha inteira. A Usina de Pennaroya foi financiada pela poderosa casa bancaria Rottschild.

Em resumo, as mais poderosas nações da Europa prevenindo-se para o futuro, distillando os seus schistos betuminosos, produzem o precioso liquido necessário ao progresso humano na paz e indispensável na guerra. Não ha razão nenhuma para que, aqui no Brasil, não procedamos identicamente, nos aproveitando das jazidas riquíssimas de Bella Vista no Municipio de São Gabriel as quais são inexpugnáveis, resolvendo-se assim o problema do petroleo brasileiro e se fazendo do Brasil um Paiz forte, independente e apto a se defender.